

TODOS
NÓS
VEMOS
ESTRELAS

Larissa Siriani
e Leo Oliveira



Todos nós vemos estrelas

Copyright © 2017 Larissa Siriani e Leo Oliveira

Revisão: Grazi Reis

Capa: Marina Ávila

Diagramação digital: [Increasy - Consultoria Literária](#)

Esta é uma obra de ficção, qualquer semelhança com nomes, pessoas, fatos ou situações da vida real terá sido mera coincidência.

Esta obra segue as regras do Novo Acordo Ortográfico.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte desta obra, através de quaisquer meios - tangível ou intangível - sem o consentimento escrito dos autores.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

"Para Leonardo, minha estrela."

Larissa Siriani

"Para Larissa, por acreditar em mim."

Leo Oliveira

*"Somos parabatai,
e isso significa
que as coisas que
fazemos juntos são...
extraordinárias."*

Cassandra Clare



Escondido atrás de uma árvore espinhosa coberta por uma leve camada de neve, Lucien observava os marleadores caminharem pela floresta de coníferas com passos lentos e firmes a sua procura. Ele esperou até que os súditos do Lorde Areon se cansassem. No bolso direito da calça suja e desgastada estava o objeto metálico e circular que o levara até aquela armadilha. Ele prendeu a respiração, subiu as mangas da blusa mesmo com o frio e removeu as luvas para secar o suor que escorria pela testa.

Como se não bastasse o pouco tempo que tinha antes dos grandes cães de caça o encontrarem, os joelhos começaram a tremer sobre a camada grossa de gelo que cobria o chão. Ele os tocou e bateu três vezes sobre cada um numa tentativa falha de acalmar a tremedeira. Málai sempre dizia que aquela era uma boa forma de evitar que a circulação do sangue fosse interrompida e as pernas travassem, o que o deixaria imóvel por alguns minutos.

Lucien se empertigou e abafou a respiração ao perceber que as criaturas se aproximavam. Eles carregavam uma espada nas costas e um boldrié cheio de facas na cintura. Seus mantos de cor escura com bordados em vermelho e prateado ondulavam com a força do vento que assoviava pela floresta. Do queixo pendiam pelos arroxeados que formavam uma barba grossa e ondulada, nas bochechas duas marcas brancas e finas; os olhos esbranquiçados e o nariz pontudo tornavam os marleadores seres assustadores.

O inverno havia chegado aos seus dias mais rigorosos e todos os habitantes de Trinitam estavam expressamente proibidos de frequentar os lugares públicos e até mesmo de se aproximarem dos bosques, onde haviam lobos e outros animais à espreita. Além do bando de Areon que, naquele momento, caçava Lucien.

— Precisamos encontrá-lo antes que seja tarde demais — disparou um

deles com a voz rouca.

Conhecidos pela falta de visão, olfato apurado e audição duas vezes mais sensível que as demais criaturas, eles viviam às margens do reino sob a jurisdição de Areon, um Lorde que colecionava os ossos de suas vítimas e os usava como decoração. Lucien tampou o nariz e a boca com as luvas úmidas e continuou a ouvi-los.

— Você tem certeza de que ele está com o Amuleto de Denbora? — perguntou o mais robusto dos dois.

Lucien retirou a mão do nariz e tocou o objeto que havia guardado no bolso. O Amuleto de Denbora, uma relíquia capaz de mudar o curso de um acontecimento ou ainda de congelar o tempo, havia sido encontrado próximo ao Lago Traíçoeiro nos limites entre Trinitam e Bármore — um vilarejo com pouco mais de trezentos habitantes e ao menos cinco Dominadoras, mulheres capazes de controlar todos os tipos de metais, e três Venenumitas, homens cujo dom baseava-se principalmente na manipulação de elementos químicos. Ele ouvia histórias sobre o artefato desde criança, a avó acreditava que o objeto poderia fazer muito mais do que apenas modificar o espaço-tempo. Para ela, o Amuleto tornava imortal o que aquele que o possuísse desejasse, mas Lucien não acreditava em tais palavras.

— Lorde Areon não nos enviaria até aqui se isso não fosse verdade — falou o outro com convicção. — Agora controle a sua respiração e vasculhe os arbustos. Ele não deve ter ido muito longe.

Ouvindo aquilo, Lucien começou a se mover lentamente sobre a neve enquanto os dois caçadores o procuravam há uns duzentos metros de distância. Havia duas alternativas: esperar a lua entrar em Trinitam e deixar os lobos o cercarem, ou correr como se não existisse nada além de seus pés pisando firmemente sobre o chão e o vento frio golpeando-o no rosto. O garoto sopesou e escolheu a segunda.

Quando os Marleadores ultrapassaram a árvore marcada com o símbolo do reino em tinta amarela, ele correu.

O príncipe de Trinitam colocou toda a força que possuía em seus pés e não se preocupou com o barulho. Correu em direção ao fim da floresta, a

respiração ofegante, os músculos das pernas ardendo conforme se esforçava para adquirir um pouco mais de velocidade. Ao longe, conseguia ouvir seus perseguidores gritarem o seu nome e o ameaçarem.

— Volte aqui, Semeador!

Lucien sentiu uma intensa descarga de adrenalina invadir seu corpo, e correu ainda mais rápido. Conforme se distanciou daquelas criaturas e pegou o caminho mais sinuoso até a última árvore da floresta, a voz de seu avô inundou seus pensamentos:

Corra mais rápido, Lucien. Corra!

E Lucien correu. A mente presa à voz do avô e os olhos fixos em um ponto distante à sua frente, ele tropeçou. O corpo de Lucien caiu sobre a neve e o amuleto que carregava em seu bolso foi parar há alguns passos de distância. Rapidamente o príncipe se levantou, limpou o rosto, pigarreou e guardou Denbora, dessa vez, em um compartimento secreto do casaco, normalmente utilizado para esconder moedas de prata e pequenos roedores.

O amuleto deveria ser entregue a Tahreos, pai de Lucien. Somente ele saberia o que fazer com aquilo. Ser um Semeador de dezesseis anos em um reino tão hostil e descrente como Trinitam significava mais perder do que ganhar, mas naquele momento enquanto ele se deparava com um penhasco à sua frente e dois Marleadores gigantes em seu encalço, ele preferiu ganhar.

Lucien se jogou do penhasco desejando encontrar algo diferente de uma estalagmite quando atingisse o chão.

Capítulo 1

Fechei o livro antes que fosse tarde demais e eu emendasse mais um dia inteiro de leitura. Toda vez que eu lia qualquer livro da série *A Glória do Traidor*, era a mesma coisa — horas ininterruptas de leitura, madrugadas inteiras acordada para terminar só mais um capítulo, ler só mais uma página.

Passei os dedos pela capa ilustrada, já gasta pelo tempo e pelo manuseio. Era diferente da maioria dos livros de fantasia que eu tinha nas prateleiras do meu quarto. Havia só o título em relevo, e ilustrações pequenas e muito sutis de vários elementos que compunham a história: uma espada, um barco, um cantil, uma cruz. Por dentro, logo na primeira página, meu nome — Elisabeth de Freitas Silva, uma homenagem da minha mãe à sua grande heroína literária — marcava o livro como meu.

Olhei em volta do quarto, para as prateleiras que cobriam praticamente cada centímetro dele. Eu tinha mais livros do que podia contar (e muito mais livros do que meu pai achava necessário), mas não queria ler nenhum deles. A bem da verdade, eu nem queria estar relendo o terceiro volume de *A Glória do Traidor*. Num mundo ideal, o quarto e último volume da série, *Rei da Fúria*, já estaria nas minhas mãos. Mas ainda não. Eu teria que esperar até o Natal.

Só mais alguns dias, pensei, e levantei lentamente, espreguiçando-me para afastar a dor após ter passado várias horas sentada na mesma posição. Aos 15 anos, já tinha a disposição de uma senhora de 60 e a coluna de uma velhinha de 80. Da janela do meu quarto, podia ver os enfeites que o pessoal do prédio vizinho havia pendurado nas sacadas. Um cara tinha ido longe demais e pendurado um Papai Noel numa escadinha que descia até quase alcançar o apartamento de baixo. Enquanto isso, minha casa permanecia tão livre de Natal quanto possível. Eu sempre deixava as arrumações para a última hora, postergando ao máximo meu encontro com o pinheiro de plástico e as memórias que ele me trazia.

O relógio marcava meio-dia, e meu estômago roncou, como se dissesse, *está na hora de almoçar, querida*. Fiz meu caminho até a cozinha, o

que dava aproximadamente três passos, considerando o tamanho ridiculamente pequeno do nosso apartamento. Para três pessoas e um Shi-Tzu era mais do que o bastante, mas eu sempre me sentia meio claustrofóbica em um lugar tão pequeno. Não fossem os livros me abrindo portas, eu provavelmente já teria me atirado da janela para conseguir um pouquinho de ar.

Para a minha surpresa, encontrei Tatiana, minha madrastra, na cozinha. Mesmo sendo o horário de almoço dela, Tatiana dificilmente vinha almoçar em casa — ela e meu pai costumavam comer perto do consultório. Os dois eram dentistas, e todo o romance havia começado quando ela alugou uma sala ao lado do dentista bonitão. Para a sorte da Tatiana, ele era viúvo, então nada a impediu de partir para cima. E lá se iam seis anos desde que nossa família de dois tinha crescido para três.

— Ué, por que você tá em casa a uma hora dessas? — perguntei, parando no arco entre a cozinha e a sala. Tatiana, de pé em frente à pia e de costas para mim, se virou assim que ouviu minha voz.

— Ah, oi, Lisa! — Ela sorriu. A Tati era bem bonita, do jeito mais convencional possível; rosto de boneca, cabelos louros, estatura mediana. Dava para ver porque meu pai tinha se interessado por ela. — Achei que você não estivesse em casa. Não ouvi nada quando entrei.

— Eu tava lendo. — Dei de ombros, e ela revirou os olhos. Não de um jeito tipo *exausta da vida*, mas daquele jeito complacente que os adultos que se acham muito superiores adoram, com um sorrisinho de lado.

É, eu podia ver porque meu pai tinha se interessado por ela, mas mesmo depois de anos de convivência sob o mesmo teto, algumas coisas nunca mudavam. A Tatiana podia ser legal de vez em quando, mas quando se tratava das coisas que eu gostava, nunca era bom o bastante para ela.

— Deixa eu adivinhar, era aquele *A Glória do Vencedor* de novo? — Ela se virou outra vez para a pia, bem a tempo de perder a minha revirada de olhos espetacular. Parecia que ela errava o nome de propósito, só para me irritar.

— *A Glória do Traidor* — corrigi, mas ela mal me ouviu, perdida no

mesmo discurso de sempre.

— Não acredito que você está lendo esse livro de novo! Você está de férias, Lisa, pelo amor de Deus. Por que não sai um pouco com as suas amigas?

— Eu vou sair amanhã — falei, emburrada. — E eu prefiro ficar em casa lendo do que sair.

— Não consigo entender que graça você vê em ficar sentada o dia inteiro com um bloco de papel na mão.

Se chama imaginação, não sei se você já ouviu falar, pensei, mas resolvi ir pela retórica que me deixaria em menor problema por ser mal-educada.

— Gosto é assim mesmo, né? Cada um tem o seu — respondi, olhando para o chão. E então, antes que ela juntasse o ar para me dar uma bronca, escapei de volta para o meu quarto.

Fechei-me ali de novo e esperei até que ouvisse a porta da frente bater. Só então voltei à cozinha para procurar alguma coisa para comer. Eu tinha certeza absoluta de que ia ouvir horrores por causa daquela respostinha malcriada quando meu pai chegasse em casa, mas não me arrependia nem um pouco.

Era sempre assim comigo e Tatiana, desde que ela e meu pai tinham se casado, seis anos atrás. Eu gostava muito mais dela quando não morava com a gente, e suspeito que Tatiana também. Quando nos conhecemos, num almoço desconfortável e estranho de domingo, ela me deu um livro de presente e perguntou quais eram os meus personagens preferidos. Hoje, eu me perguntava se o interesse era todo forjado, ou se ela acreditava que a leitura era o tipo de coisa que só crianças deveriam gostar, porque quanto mais velha eu ficava, mais ela parecia achar absurdo que eu passasse tanto tempo lendo.

Eu queria poder dizer que os nossos problemas paravam na literatura, mas infelizmente, não era o caso. Tatiana tinha um jeitinho de implicar com tudo, mesmo que não de maneira direta. Sempre me dava roupas coloridas de presente, mesmo sabendo que eu preferia preto. Dia sim, dia não, ela

comentava sobre algum tratamento novo para a acne que estava aos poucos tomando conta do meu rosto, e por mais que as espinhas me incomodassem, o hábito constante dela apontar os meus defeitos me incomodava mais ainda. Sempre pedia para eu abaixar o som até o volume mínimo quando estava ouvindo minhas músicas no meu próprio quarto. E meu pai não falava nada. Era um saco.

Eu ficava imaginando como teria sido a minha vida se a minha mãe não tivesse morrido tão cedo. Eu mal me lembrava dela; uma parada cardíaca a levou de uma hora para a outra quando eu tinha só três anos. Mas em todas as fotos, ela carregava um livro, então, quando aprendi a ler, resolvi que seria como ela. Era a forma que eu havia arranjado de me sentir próxima dela, e, em algum momento, acabei percebendo que preferia a vida na ficção do que a vida real.

Não tinha jeito: meus únicos amigos de verdade, as pessoas que realmente me entendiam, estavam nos livros. Lucien, Harry, Hermione, Eragon, Artemis, Percy — esses sim tinham sorte. Em vez de ter que lidar com madrastas chatas, provas na escola e pele oleosa, eles viviam aventuras, salvavam o mundo. A vida deles possuía algum significado. Já a minha era chata, insossa, entediante.

Mas era a *minha* vida, então poderia gastar como bem entendesse. Mesmo que minha madrasta não concordasse com isso.



Das tradições natalinas que eu detestava, o clássico Amigo Secreto era provavelmente a pior. Porque, sabe, todo mundo é forçado a se envolver no Natal em família, mas tecnicamente ninguém te obriga a participar de nada com os seus amigos.

A menos, é claro, que seus amigos sejam os *meus* amigos.

— Vai, Lisa, vai ser divertido! — Gabi tinha implorado.

— Todo mundo vai participar, vai ser muito brecha se você ficar de fora! — Marcela insistiu.

— Já pensou se você tira a Helô? Vai ser a chance perfeita de se

declarar pra ela! — Ana tinha apelado, e foi então que decidi participar. Apesar de eu ser tímida o bastante para inclusive evitar contato visual com ela, meu *crush* na Heloísa já vinha desde o início do ano, quando ela entrou para nossa turma na escola. As meninas tinham razão. Aquela seria a chance perfeita.

Mas é claro que eu não tirei a Helô. Quando o sorteio foi feito, na última semana de aula, e eu peguei meu papelzinho com as mãos tremendo, tive a maior decepção da vida ao ler o nome do Igor, um dos garotos mais babacas da sala — e provavelmente do mundo inteiro. Na hora quis devolver e dizer que tinha mudado de ideia, mas não tinha mais jeito. Teria que ir até o fim.

A nossa festinha de fim de ano seria dali a dois dias, quase às vésperas do Natal, na casa da Gabi, e eu ainda não tinha comprado um presente — nem fazia ideia do que comprar. Então, naquela noite, enquanto jantávamos, decidi que era a hora de pedir ajuda.

— O que tem para o jantar? — meu pai perguntou, quando Tatiana nos chamou para comer. Ela e meu pai se revezavam na cozinha, o que significava uma variedade incrível de culinária ruim todos os dias da semana. Hoje era a vez dela.

— Aquele risoto de espinafre que a Lisa adora — ela disse, toda sorrisos enquanto trazia a travessa para a mesa que eu tinha acabado de arrumar.

— Ótimo! — exclamou ele. *Péssimo*, pensei, porque a verdade era que eu *detestava* aquele risoto, mas depois de ter mentido uma vez para agradar, ficava difícil voltar atrás. Volta e meia Tatiana fazia o tal prato, achando que estava abafando, e eu era obrigada a fingir que ele não tinha a consistência de um mingau esquisito.

Nos servimos e sentamos para comer em silêncio. Só depois de alguns minutos foi que decidi me pronunciar.

— Hm, pai? — chamei, sem levantar os olhos do prato.

— Hm? — ele respondeu, também sem erguer a cabeça.

— Preciso comprar um presente para o meu amigo secreto da escola

— disse e olhei de soslaio para ele.

Assuntos que envolviam dinheiro sempre deixavam meu pai incomodado. Ele nunca gastava um real se pudesse gastar dez centavos. A única exceção eram os livros que eu pedia. Acho que, assim como eu, ele também sentia a presença da mamãe através deles.

— Eu vou ao shopping amanhã — Tatiana interveio, olhando de mim para ele. — Por que não vamos juntas, e eu te ajudo a escolher? Podemos ter uma tarde só de garotas!

Uma *tarde de garotas* com a Tatiana era o mesmo que 101 Maneiras de Mudar a Lisa segundo o dicionário dela, e essa era a última coisa de que eu precisava, muito obrigada! Abri a boca para responder que não tinha a menor necessidade, mas papai escolheu esse exato momento para olhar para mim. Ele vivia me pedindo para tentar me aproximar mais de Tatiana, como se o fato de ela morar na mesma casa que eu não fosse próximo o suficiente. Baixei a guarda e acabei concordando.

— Claro.

— Ótimo. Não gastem muito!

— Claro que não — Tatiana garantiu, mas lançou uma piscadinha discreta para mim.

Capítulo 2

Não havia uma estalagmite, mas um rio. E Lucien não sabia nadar.

A água estava fria e a sua visão um pouco turva. Ele tentou impulsionar o corpo para cima como Alarea tentara lhe ensinar mais de cinco vezes no último verão, mas dentro do rio a roupa que ele usava parecia pesar ainda mais do que quando estava seca. Além disso, havia ainda o amuleto dentro do bolso que, naquele momento, era a sua maior preocupação.

Enquanto tentava segurar a respiração e manter os olhos fechados por conta da água gelada, Lucien pressionava as luvas contra a pele desejando que elas não se soltassem das mãos quando ele fosse se segurar a um pedaço de gelo que — com toda a certeza — apareceria à sua frente a qualquer momento.

Com elas firmes aos pulsos ele se permitiu lançar o corpo para cima — mesmo que ele conseguisse manter a respiração por mais tempo que o normal. Ser filho de um rei, ter nascido em um barco durante uma guerra e ao mesmo tempo um Semeador, tinha lá as suas vantagens. Seu dom estava completamente ligado ao ar, ao controle das tempestades e de tudo aquilo que dizia respeito ao clima e as estações. Mas ainda levaria um tempo até que ele se manifestasse, o que tornava a sua permanência naquele rio ainda pior.

No entanto, ele precisava tentar. Alguma coisa deveria ser feita para proteger Denbora e Trinitam. Com a força que ainda lhe restava, subiu até a superfície, abriu os olhos e imediatamente buscou algo para se segurar. Mas a correnteza estava intensa e ele não conseguia encontrar nada próximo à margem. Quando estava prestes a desistir e deixar que a próxima queda livre ceifasse a sua vida, percebeu algo que deveria ter estado ali o tempo todo. Agarrou o tronco e, com a água batendo forte em suas costas e uma pequena tempestade se formando ao longe, Lucien respirou fundo, prendeu as luvas molhadas ao tronco e impulsionou o corpo para cima.

Os ossos de seus braços estalaram em resposta, mas ele resistiu à dor que parecia se aglomerar sobre os ombros e escapou do rio. Com a visão ainda turva, jogou-se na neve e encarou o penhasco. Com as garras presas às

rochas e os pés soltos no ar, os marleadores pareciam tê-lo encontrado.

Lucien estava ainda mais ofegante do que antes, quando chegou ao castelo. A grande construção localizada a leste do rio onde ele caíra minutos antes, próxima à Caverna Rosada e à pequena Torre Silenciosa, onde homens misteriosos treinavam os jovens que faziam parte do exército, sempre encantava o príncipe. Rochas pintadas à mão em uma cor clara com detalhes em cinza e vermelho formavam as colunas dos portões, um pouco mais ao fundo havia uma ponte levadiça construída sobre o lago congelado e um jardim que a essa época do ano, como tudo, ficava coberto de neve. Guardas estavam parados em frente a postes de ferro com uma tocha na mão esquerda e a direita atrás das costas.

Conforme caminhava pelo gramado e balançava a cabeça em cumprimento aos guardas, o castelo se erguia majestosamente à sua frente. Duas grandes torres ligavam o lado leste ao lado oeste, uma bandeira vermelha com o símbolo de Trinitam — um cervo com chifres dourados — podia ser vista ao centro. Vitrais pintados à mão por simpatizantes do rei cobriam as quatro janelas que ocupavam um pequeno espaço entre os fícus e chamava a atenção dos curiosos. A arte dos vitrais narrava uma história que Lucien jamais esqueceria: a batalha do Sondador.

Ele não tinha mais do que nove anos de idade quando a rainha contou pela primeira vez a história de dois reinos, três reis e uma criatura mágica que reivindicava as terras de Trinitam e Vormiam como suas. Segundo Kala, sua mãe, aqueles reinos se dissolveram em sangue e fogo quando a besta, com asas enormes, dentes afiados e corpo e cabeça de lobo atacou o exército de Vormiam com ódio e dilacerou os poucos soldados de Trinitam. Mas antes que ela tomasse para si os últimos seres vivos que ainda restavam sob aquele mar de sangue, o Rei Aris invocou a magia de um cajado e libertou um exército de homens e mulheres que vestiam armaduras de prata, possuíam asas negras presas às costas e tinham o dom da magia. Quando elas transformaram em cinzas a última parte viva do Sondador, como foi chamada a besta que tentara matar os três reis, um tratado foi feito com aqueles que governavam as três maiores cortes do continente deCorcius: daquela batalha em diante todos os humanos que ali viviam receberiam dons daqueles que

tiveram capacidade o suficiente para protegê-los. E esses dons dariam a eles a chance de uma nova vida, onde qualquer um que ousasse enfrentá-los seria completamente destruído.

E assim nasceram as divisões reais de Trinitam, Vormiam e Démores.

O primeiro reino recebeu a dádiva do controle da terra e do ar; o segundo, dos elementos químicos e metais; já o terceiro, do fogo, da água e do destino. Trinitam havia recebido apenas duas dádivas, porque como contava Kala, o primeiro rei que o governara e entregara o seu exército àquela criatura, não possuía honra o suficiente para conduzir outros dons. O Rei Orberos não levava toda a guarda de Trinitam para a batalha, ele os escondera no subterrâneo com medo de não sobreviver àquela guerra. Nem mesmo a pureza que o homem dizia carregar em seu coração foi suficiente para poupar a vida dos que sobreviveram.

E Lucien sabia que, quando a hora de subir ao trono realmente chegasse, ele seria como seu pai. Um homem cujas qualidades se sobressaíam aos defeitos, para o qual proteger o povo de seu reino era mais importante do que proteger a si mesmo. E foi por esse motivo em especial que o príncipe bateu à porta do trono, curvou-se em uma leve mesura e apontou o Amuleto de Denbora para o pai.

O Rei Tahreos observou o filho com surpresa, analisando as roupas molhadas, as marcas de neve sobre o tapete vermelho da sala e o pequeno corte no supercílio que ainda sangrava. Ele se levantou do trono de cor vermelho-escuro, aproximou-se de Lucien com uma expressão nervosa que se formava em seu rosto e abraçou o filho.

— Você está bem? — perguntou ele. Lucien abraçou o pai com o pouco da força que ainda lhe restava e deu um passo para trás.

— O Amuleto de Denbora... — falou. — Eu o encontrei.

Tahreos encarou as mãos do filho com curiosidade. Sib, seu fiel escudeiro, aproximou-se do príncipe e do Rei ao ouvir o nome do Amuleto ser pronunciado com tanta força pelo garoto.

— Como você conseguiu? — questionou Sib apressadamente, interrompendo o Rei que ainda fitava o objeto sobre as mãos do filho. —

Ninguém jamais o vira depois da Guerra Parmal. Lucien abriu a boca para explicar ao velho tudo o que acontecera antes de ter pego o Amuleto e fugido das criaturas do Lorde Areon, mas uma batida rápida na porta o deixou em alerta e toda a atenção do pai se voltou para a líder do exército que segurava, em uma das mãos, o brasão dos Marleadores que o caçavam e na outra, uma espada cheia de sangue.

— Meu Rei — disse a mulher de longos cabelos castanhos, mais de um metro e oitenta, olhos verdes e expressão séria. Lucien permaneceu próximo à Sib enquanto o pai aproxima-se da líder.

— Sim, Lamiv? — falou.

— Encontramos dois Marleadores nas proximidades, um deles foi capturado antes que ultrapassasse os limites do castelo. O outro... — interrompeu, dirigindo o olhar para a espada que pingava sob o tapete. — Morto. — Lucien seguiu até o pai, tomando partido.

— Eles me perseguiram até aqui — murmurou. — O Amuleto, eles o querem. — O príncipe sentiu o olhar severo do pai pairar sobre suas costas. Não havia outra forma de contar a ele o que acontecera senão assim. O Rei precisava saber o que os Marleadores planejavam e para quem levariam o Amuleto de Denbora caso ele não o tivesse protegido.

— Lucien — chamou Tahreos, imediatamente o garoto virou o corpo e observou o pai. Os olhos negros como a noite julgando as escolhas recentes do filho. — Você tem noção do que acabou de fazer? — perguntou.

— Quando eu vi o Amuleto não consegui deixá-lo, senti que o melhor a ser feito era resgatá-lo e trazê-lo até você — explicou. — Jamais imaginei que Lorde Areon estaria à procura dele também.

— Como é? — Ralhou o Rei. Sib aproximou-se do amigo tocando-o no ombro, como se pedisse calma.

— Os Marleadores falaram sobre Areon, que ele não os teria enviado caso não tivesse certeza absoluta de que Denbora estava sob minha posse — respondeu Lucien, irritado.

— Você acaba de iniciar uma guerra, Lucien — disparou Tahreos, nervoso. — Uma guerra que jamais venceremos, não enquanto este objeto —

bufou pegando o Amuleto da mão do filho — estiver controlando as suas ações e possuir a capacidade de ouvir os seus pensamentos e de todos aqueles que ama. Jamais venceremos uma guerra na qual o inimigo caminha a nosso lado.

Uma onda de dor atingiu Lucien, como se a queda que o levava até o rio e a ardência nas pernas que o perseguira durante toda a corrida, tivesse finalmente despertado. Ele baixou a cabeça, demonstrando respeito ao pai. As histórias que sua avó contara, em nenhum momento, falaram sobre o lado negativo da relíquia. Sobre o que ela poderia fazer com quem a possuísse.

— Areon a deseja há anos, Lucien — contou Sib, intrometendo-se mais uma vez. — Ele sabe o poder que o objeto possui e, se a vontade dele — falou apontando para a espada de Lamiv — sempre foi tirar seu pai do trono... — refletiu — talvez esta seja a oportunidade que ele esperava.

O Rei parecia cuspir fogo pelos olhos. Pela primeira vez na vida Lucien vira o pai nervoso daquela forma, envergonhado pelo que ele acabara de fazer. Uma guerra, ele havia iniciado uma guerra.

— O que faremos, majestade? — questionou Lamiv com imparcialidade. — Devo preparar seu exército?

— Não — respondeu a Rainha, invadindo a sala do trono de forma repentina. Ela usava um vestido verde escuro com pequenas flores escuras sobre o quadril e alguns diamantes presos ao busto. Lucien deu um passo para trás, empertigou-se e encarou o olhar desconfiado da mãe. — Lidaremos com isso de outra forma — disse antes de dispensar Lamiv.

— Como quiser, minha Rainha — concordou a guarda ao trancar a porta e deixar o príncipe mergulhado em um mar de olhares revoltos e decepcionados.

Havia medo no olhar de Tahreos, o qual Lucien jamais vira antes. Kala estava em pé ao lado do marido e, com um sorriso forçado, ordenou que Sib os deixasse a sós. O príncipe suspirou uma, duas, três vezes, e fitou os pais com tristeza no olhar.

— Tahreos — pronunciou a Rainha com a voz mais firme que o

normal, tentando mostrar respeito ao marido, mas ao mesmo tempo disposição para enfrentar o perigo que se aproximava. — Quais são nossas opções? — Lucien desviou os olhos do pai. — Se destruirmos o Amuleto — disparou —, Areon não o encontrará, mas talvez os demais reinos descubram que o possuímos e uma guerra muito maior ecloda.

— Precisamos reunir todas as nossas forças, mesmo que a batalha seja controlada, — respondeu. — Devemos estar preparados para qualquer coisa. — O príncipe percebeu o peito se encher de culpa.

O que eu fiz?

— Lucien — chamou o Rei —, o Amuleto, a magia que ele carrega... — sopesou. — Você tem ideia do quão poderosa ela é? — perguntou, tentando controlar a raiva que se esvaía do peito.

O garoto balançou a cabeça em negação.

— O Amuleto de Denbora é capaz de realizar apenas um desejo e, nas mãos erradas... — Suspirou. — Ele pode nos destruir.

Lágrimas caíram dos olhos do príncipe e, a partir daquele momento, ele soube exatamente o que deveria fazer.

— Esconderei o amuleto — disse com rispidez. Kala e Tahreos pareciam surpresos diante da resposta do filho.

— Como você fará isso? — perguntou a mãe, levemente irritada.

— Ainda não sei, mas vou encontrar uma forma.

Capítulo 3

Nós gastamos muito.

Bom, a Tatiana gastou muito. A ida casual ao shopping tinha como objetivo as compras de Natal, o que significava bater muita perna e gastar muito dinheiro. Infelizmente, não chegamos nem perto da livraria — ela havia me garantido que meu presente já estava comprado e seguro na casa da minha avó.

Acabamos comprando uma camisa para o meu amigo secreto, tão simples e sem personalidade quanto o futuro dono. Minha madrastra ficou chocada com uma escolha tão simples de presente, e tentou dar a entender que ele era algum namoradinho que não tinha dado certo. Não contei a ela que eu tinha tanto interesse no Igor — ou em qualquer menino, pra ser sincera — quanto um peixe teria numa churrasqueira, e apenas meneei a cabeça e deixei que pensasse o que quisesse. Como todos os aspectos da minha vida, eu tinha certeza de que, uma vez que soubesse que eu era lésbica, Tatiana tentaria me mudar. Eu podia lidar com as roupas coloridas e com os cremes para acne, mas não com a heteronormatividade.

Minha animação estava no chão quando chegou a sexta-feira e fui me arrumar para sair. Enquanto todo mundo no grupo do WhatsApp gritava sua alegria e dava dicas furadas de quem seriam seus amigos secretos, eu só queria pegar meu livro e não levantar da cama nunca mais. Como se lessem meus pensamentos, minhas amigas surgiram no nosso grupinho separado para me animar.

Gabi

Migas, vocês conseguem chegar um pouco antes?

Preciso de ajuda pra ajeitar as coisas!

Marcela

Chego aí umas quatro, ok?

Gabi

Maravilha

Ana

Lisa tá quietinha, tá pensando em desistir?

Eu

Talvez.

Ana

Segue incentivo:

O “incentivo” era uma foto maravilhosa da Heloísa em toda a sua glória de cabelos cacheados e volumosos, piercing no nariz e aquela pele lisinha de algodão. Fiquei olhando para a foto, desejando com todas as minhas forças que aquele não fosse um incentivo tão eficaz. Eu não tinha a menor chance com ela. Por que, de todas as garotas do planeta, eu tinha que me interessar justo pela Rainha dos Heterossexuais? Aquilo nunca daria certo!

Mesmo assim, peguei minha melhor roupa — preta — e tentei em vão cobrir um pouco das marcas no meu rosto com o corretivo e a base que a Tatiana tinha me dado de aniversário (ainda que jamais fosse admitir isso para ela). Acabei me enrolando nesse meio tempo, e saí de casa muito mais atrasada do que seria aceitável. Peguei o presente do Igor e chamei meu Uber, enquanto gritava desculpas para a Gabi no WhatsApp.

Já estava todo mundo lá quando cheguei. Éramos vinte alunos no primeiro ano, no total, mas somente dez estavam participando do amigo secreto. Logo que entrei, fui cumprimentando o pessoal que estava reunido na sala — Marcola, Igor, Kézia, Ingrid, Renan e Augusto, pessoas que quase não falavam comigo na vida real, mas que aqui, longe das paredes da escola, pareciam muito felizes em me ver. Ouvi, então, o riso alto da Marcela vindo

da cozinha, e decidi ir até lá cumprimentar minhas amigas.

Não cheguei tão longe. Antes mesmo de conseguir passar da sala, a Heloísa apareceu, saindo do lavabo. Travei, meu coração disparando enquanto ela me notava e sorria para mim.

— Oi, Lisa! — exclamou, com um sorriso radiante. — Que bom que você chegou, a gente só estava esperando você!

Ela deu um beijo melecado de gloss no meu rosto e me abraçou. Ela fazia isso com 99% das pessoas no mundo, mas quando era comigo, eu me sentia especial. Me perguntei se ela conseguia sentir o quão gelada eu estava, ou o quão rápido meu coração batia só por ela estar por perto. Mas, se sentiu qualquer coisa, Helô ignorou completamente e, após me cumprimentar, correu para o sofá e sentou ao lado de Marcola.

Suspirei e fui até a cozinha. Marcela, Gabi e Ana estavam lá, conversando animadamente enquanto pegavam comes e bebes, parando quando me viram entrar.

— Finalmente! — Gabi exclamou, vindo me cumprimentar. Era a menor e a mais bonita de nós, com seu metro e meio de fofura e seus olhos verdes.

— Foi mal, quis passar um reboco na cara e me atrasei. — Dei de ombros, cumprimentando Marcela em seguida, com seus cabelos encaracolados tingidos de vermelho vivo. Em seguida abracei Ana que, apenas alguns centímetros mais alta que Gabi, ficou na ponta dos pés para me alcançar.

— Tá linda! — Ana disse, com um sorriso. — Vamos lá? Tô doida pra pegar meu presente.

— Vamos! — concordamos em uníssono. Elas com muito mais animação do que eu.

Que começasse a tortura.



Nunca vou entender a graça que as pessoas veem em uma coisa tão

boba quanto amigo secreto. Você compra presente para alguém de quem talvez nem goste, precisa falar de pessoas que mal conhece para que os outros adivinhem, e 90% das vezes, acaba dando um presente muito melhor do que o que recebe.

Ah, e tem as piadinhas. *Meu deus do céu, as piadinhas!*

Acompanhei sem o menor ânimo cada uma das tiradas que meus colegas inventaram para descrever uns aos outros. Marcola descreveu Kézia como “alguém que precisa perder uns quilinhos”, Ingrid falou que Gabi “parecia estar na quarta série” e Augusto disse que Renan “era um veado, mas era seu amigo”. Nunca iria entender a necessidade das pessoas de diminuïrem os outros para fazer graça. Antes mesmo de chegar a minha vez, eu já estava de saco cheio.

E então, a Marcela revelou que tirara a Heloïsa (me lançando um olhar de *foi mal* enquanto a abraçava para entregar o presente). Olhei em volta e fiz as contas. Só havíamos sobrado eu, Helô e Igor, que fora o primeiro a revelar seu amigo secreto. E se eu tinha tirado o Igor...

Travei no sofá. Olhei para as minhas amigas, que já tinham feito as contas também. Prendi a respiração e esperei.

— Bom, *o meu amigo secreto...* — ela disse, fazendo graça com a repetição. Todo mundo riu. Tenho certeza de que teriam rido até se ela tivesse lido a bula de um remédio, porque esse era o efeito que Helô tinha sobre as pessoas. — Meu amigo secreto é uma pessoa muito séria — ela continuou, encarando sua audiência. O pacote nas mãos dela era retangular, e embora o papel de presente fosse meio genérico, eu tinha certeza de que era um livro. — Ela não costuma sair muito com a galera, tá sempre lendo ou estudando. Faz o tipo meio antissocial.

— Nerd! — exclamou Marcola, fazendo todo mundo rir. Inclusive, para a minha tristeza, Helô. — Muito! — ela concordou. — Mas no fundo, a gente gosta dela. Mesmo com a acne.

— É A LISA! — Renan e Igor gritaram ao mesmo tempo, e Helô concordou, estendendo o presente para mim. Parecia muito satisfeita, como se não tivesse acabado de me magoar de trinta maneiras diferentes.

Peguei o pacote e a abracei, tentando não chorar. Minha descrição de Igor foi rápida e sem segredos. Ele aceitou o presente com um abraço falso que jamais me daria se estivéssemos na escola. Então sentei em silêncio, tentando ignorar os olhares de pena das minhas amigas, e abri o meu pacote.

Não era um livro. Era uma espécie de diário para meninas de dez anos, escrito *Meu livro de desejos* na frente, com tinta rosa em alto relevo.

— Achei que você fosse gostar — Helô disse, com um sorriso — Você adora ler, achei que pudesse gostar de escrever também.

Tentei sorrir, e não falei nada. Na primeira oportunidade que tive, menti que estava com dor de cabeça e fui para casa.



Eram nove e meia da noite quando resolvi pegar o celular para ver as notificações e mensagens. Passei o resto do dia trancada no quarto lendo, tentando esquecer o fiasco completo que fora aquele dia. Abri o aplicativo de mensagens, onde o grupo com as minhas amigas estava bombando. Muitas mensagens eram fotos da festa ou comentários sobre os ocorridos em geral, mas as últimas, de algumas horas atrás, eram sobre mim.

Gabi

Lisa, você tá bem?

Manda sinal de vida, estamos preocupadas.

Ana

Acho que ela foi dormir.

Marcela

Quero matar a Helô! Não acredito nas coisas que ela disse!

Gabi

Somos duas.

Eu

Oi, gente.

Eu tô bem. Mais ou menos.

Ana



Tem certeza, miga? Quer conversar?

Eu

Tenho sim.

Vai ficar tudo bem. Só preciso dormir um pouco.

Amanhã a gente se fala.

Desliguei o telefone e abracei o travesseiro. Elas não entenderiam mesmo se eu dissesse. Era mais do que só a mágoa pelas coisas que ela tinha me dito: era a decepção porque eu tinha finalmente entendido como ela me via. Não como uma garota legal, não como uma menina bonita, a nerd cheia de espinhas que não socializava com a galera.

Olhei para a minha estante, onde estavam meus verdadeiros amigos. Só por um dia, eu queria existir no mundo deles. Queria passear pelos corredores de Hogwarts ou me aventurar no Acampamento Meio-Sangue. Queria que Lucien e sua sabedoria infinita estivessem aqui.

Levantei e peguei o maldito *caderno de desejos* que Heloísa me deu. Sem pensar, peguei um lápis e escrevi:

Quero alguém que realmente me entenda.

Fechei o caderno com raiva e o coloquei sobre a minha cópia surrada de *A Glória do Traidor* na mesa de cabeceira, antes de me deitar de novo e fechar os olhos, tentando dormir.

Capítulo 4

Os corredores do castelo estavam silenciosos e do lado de fora a neve continuava a cair. O príncipe encarava a imensidão do reino de Trinitam da torre leste, um dos seus lugares favoritos em toda a construção. Depois de deixar a grande sala do trono, inúmeras possibilidades invadiram sua mente.

A primeira delas dizia respeito a destruir por completo o Amuleto, mas ele ainda não possuía o poder necessário para tal coisa. Entregar a relíquia a Areon estava fora de cogitação; se o Lorde dos Marleadores tivesse Denbora em seu arsenal, Trinitam e os demais reinos correriam grande perigo. Se o castelo fosse invadido e uma busca autorizada, eles com certeza encontrariam o objeto. E Lucien prometera a seus pais que daria um destino a ele. O rapaz não compreendia muito bem a confiança que os pais lhe depositavam. Talvez ser filho único e tentar ao máximo deixá-los seguros de suas decisões, fizesse com que carregar algo capaz de mudar o destino de um reino dentro do bolso esquerdo do casaco, soasse completamente normal.

Debruçado sobre a janela, Lucien observava o céu, o brilho com que a lua iluminava Trinitam e a calmaria com que algumas criaturas se esgueiravam pela noite fria de inverno. Havia tantos mistérios naquele reino e o príncipe sabia que jamais compreenderia todos eles. Nem mesmo quando se tornasse rei. A coroa prateada, adornada com pelos de cervo, que o pai usava lhe concedia regalias, mas também grandes responsabilidades. E por mais que ele desejasse governar todas aquelas pessoas, todos aqueles dons, ainda havia muita insegurança em seu coração.

E ele se culpava por isso. Principalmente por não possuir amigos, nem mesmo os filhos dos demais homens que governavam ao lado de seu pai se aproximavam dele. E Lucien se sentia mal por isso, por buscar a amizade de outras pessoas, por ser visto como alguém maior em um reino onde a igualdade parecia reverberar por todos os cantos. Desde que Alarea deixara Trinitam e seguira com o tio por uma expedição além das fronteiras, o príncipe passava a maioria dos dias caçando pequenos animais na floresta ou desafiando gigantes como os Marleadores.

Encontrar o Amuleto de Denbora não fora algo premeditado, ele estava em busca de pequenos roedores quando foi surpreendido pela luz alaranjada e pulsante que o objeto liberava. No início ele não conseguira compreender a complexidade da arma que carregava, mas ao passo que foi analisando-a melhor — erguendo para o sol, girando-a com velocidade pelo ar —, ele percebeu do que se tratava. Quando decidiu guardá-la no bolso, os Marleadores apareceram. Eles foram atraídos pela energia que o Amuleto emitia, pelo ruído que fazia quando se chocava contra o vento. Se ele tivesse pensado antes, nada disso estaria acontecendo.

Em uma tentativa de remover o peso que carregava em seus ombros, Lucien fechou os olhos e começou a sussurrar uma canção. Cantar o fazia se sentir mais próximo da simplicidade, das coisas que ninguém enxergava no dia a dia, da leveza do mundo. Ele precisaria tomar uma grande decisão muito em breve, mas descansar a alma lhe ajudava a raciocinar com mais clareza. Então, como se ouvisse os pensamentos do menino, um som baixo de piano começou a acompanhar a sua voz. A música, cantada por sua avó desde o dia em que ele pronunciara as primeiras palavras, falava sobre perdão. Sobre encontrar o seu lugar no universo e amar as suas escolhas e seus sonhos com toda a força que conseguisse. E aquela canção o ajudara a superar a morte do avô, o adeus da prima e única amiga e, com toda a certeza, o colocaria no caminho certo na hora de desaparecer com o Amuleto. O príncipe estalou o pescoço, engoliu um pouco mais de saliva e aumentou o tom de voz.

Há algum lugar entre a luz e o vazio

Existe uma chance para você até mesmo na escuridão.

Faça as suas escolhas, use a coragem, pense com seu coração...

E abra os braços para os sonhos que vivem na imensidão.

Ao passo que ele cantava mais e mais alto, a noite parecia responder a ele. O coaxar dos sapos que se arriscavam em meio a neve, o uivo dos lobos

que circundavam a floresta próxima ao castelo e aquele som de piano. Sutil e acolhedor. Lucien já ouvira aquela melodia algumas vezes, mas sempre que ele corria em direção à grande sala de música, se arrependia. Havia um piano de cor escura no centro dela, fora um presente da última rainha de Trinitam para a mãe. Porém, somente ela podia tocá-lo. O príncipe não compreendia o motivo para tal ordem, mas segundo sua avó contara certa vez, o piano era uma arma. E somente aqueles que conseguissem dominar a força que ele possuía, poderiam se arriscar a criar uma melodia ou até mesmo uma sinfonia completa.

Lucien murmurou a última nota da canção da avó e abriu os olhos. O mundo que estava à sua frente não parecia ser Trinitam, o som dos animais, a brisa leve de dentro da torre e a neve haviam desaparecido. Ele se levantou rapidamente e encarou o espaço ao seu redor. Havia uma cama pequena, duas vezes menor do que a sua. Inúmeros pedaços de madeira com o que pareciam ser livros em cima, eles estavam por toda a parte. O chão pareceu ranger em resposta ao peso de seus pés e a espada que sempre carregava na cintura chocou-se contra algo que caiu no assoalho, parecia vidro. Ele não sabia dizer. Imediatamente o príncipe notou uma respiração preguiçosa se chocar contra a sua. *Eu não estou sozinho*, pensou.

Ele se abaixou lentamente buscando o objeto que havia derrubado. Com a mão direita pegou o que parecia ser um lampião, porém feito de um material que o príncipe desconhecia. Girando a luz em direção à respiração abafada que sentira minutos antes, ele viu uma garota. Ela possuía cabelos castanhos, um rosto arredondo e pequenas picadas de insetos nas bochechas e testa. A garota dormia com a boca aberta, como se estivesse sugando todo o ar do ambiente. Lucien engoliu em seco e aproximou-se mais um pouco dela. Com a luz focando todo o rosto da menina, o Semeador conseguiu notar ainda mais detalhes, todos os lençóis da cama eram de cor escura, até mesmo a túnica que ela vestia era negra como a noite.

As cores de Lorde Areon, refletiu. Imediatamente Lucien deu dois passos para trás e pegou a espada. Ele não fazia ideia de como havia chegado até ali, talvez os Marleadores tivessem usado magia contra ele. Mas como conseguiriam tal coisa dentro dos limites do castelo? As paredes possuíam escudos contra inimigos, nem mesmo na torre eles poderiam entrar. Um

arrepio lhe percorreu a espinha quando os lençóis começaram a se mexer. O príncipe apertou com firmeza o cabo da espada, ajustou a postura e dobrou uma das pernas para que o impacto contra a inimiga fosse mais rápido e certo.

O ar a sua volta pareceu reconhecer a inimiga que despertava com lentidão. Mas ao passo que os olhos dela foram se acostumando com a escuridão e focando no único ponto iluminado pelo lampião em todo o ambiente, uma expressão de completo horror tomou conta de seu rosto. Os braços de Lucien hesitaram diante do olhar desconfiado da garota.

E então, ela gritou.

O príncipe deixou a espada cair, assustado. Ele jamais vira uma criatura como aquela, a voz alta e esganiçada fazia seus ouvidos doerem.

— Quem é você? — disse ela, antes de recuperar o fôlego e gritar mais uma vez.

Capítulo 5

Sabe quando você está dormindo, e tem uma vaga noção de que algo está acontecendo, mas não sabe dizer se é sonho ou realidade? Foi mais ou menos isso que rolou comigo quando ouvi passos próximos, o barulho de alguma coisa caindo e uma claridade indesejada pareceu invadir os meus olhos. No começo, achei que estava sonhando. Então, abri os olhos.

Soltei um berro e me sentei, agarrando as cobertas. Tinha um cara no meu quarto! Um homem, desconhecido, *no meu quarto*! Ele pareceu tão assustado quanto eu, dando um passo para trás como se não esperasse que eu gritasse, apesar de ter invadido a minha casa e estar segurando o meu abajur bem de frente para a minha cara.

— Quem é você? — perguntei, e então gritei de novo. Mas meu pai continuava roncando alto do quarto ao lado, e, se eu conhecia bem Tatiana, ela estava com plugs nos ouvidos para abafar o som. Ninguém iria me escutar se aquele cara me atacasse.

— Quem é *você*? — ele retribuiu a pergunta, soando incrédulo. Só então reparei que ele estava armado. Com uma *espada*.

Quem diabos invade a casa de alguém com uma espada?, pensei. Mesmo assim, minha mão escorregou para baixo do travesseiro, alcançando o celular. Eu ia dar um jeito de chamar a polícia.

— Você está na minha casa! Me diga você! — exclamei, esperando que ele não notasse meu movimento.

— Me chamo Lucien, filho de Tahreos, príncipe de Trinitam — ele respondeu, para o meu choque.

Congelei, meus dedos tocando a tela fria do telefone. O que foi que ele tinha dito?

— Lucien? Lucien de Trinitam? — repeti, devagar, um arrepio tomando conta do meu corpo. — Que enfrentou os Maleadores? O protetor do amuleto de Denbora?

— Como sabe disso? — perguntou, e pela sua expressão eu o tinha pegado de surpresa. — Como sabe quem eu sou? Você trabalha para Lorde Areon?

Não aguentei. Mesmo tendo uma espada apontada para mim, levantei-me e acendi a luz. Ele hesitou por um instante, usando o braço que empunhava meu abajur para proteger os olhos da luz súbita. Sua distração só durou um instante, e logo ele estava com a espada apontada para o meu peito novamente. No claro era mais fácil enxergar suas feições. Era um garoto, de não mais do que dezesseis anos, de cabelos castanhos e olhos esverdeados — não aquele verde óbvio, mas do tipo que faz você se perguntar se são verdes mesmo, ou uma cor nova na genética humana. Usava roupas rústicas, empoeiradas, e que ninguém no mundo usaria a menos que estivesse a caminho de uma convenção de fãs, metido em um *cosplay*.

Sem tirar nem pôr, aquele era Lucien de Trinitam, protagonista de *A Glória do Traidor*.

Ele era exatamente como eu o havia imaginado, completo, até com o nariz arrebitado — um detalhe que sequer estava nos livros, mas que a minha imaginação tinha se encarregado de acrescentar. Por um instante, eu só o encarei com incredulidade. Então, cumprindo com o clichê ambulante que era a vida, me belisquei.

Não estava dormindo. Era real. O que significava que o personagem principal do meu livro preferido estava parado, bem na minha frente.

Mas como isso era possível?

— Responda! Como sabe quem eu sou? — insistiu Lucien, erguendo a espada até ela estar perigosamente próxima do meu pescoço. Instintivamente, levantei os braços em sinal de inocência.

— E-eu... — gaguejei. Foi então que me ocorreu que talvez ele não soubesse que era um personagem. Talvez ele estivesse tão perdido nessa história quanto eu. Num golpe de sorte e coragem, decidi dizer algo que ele esperaria ouvir. — Sou clarividente — completei então, com tão pouca convicção que precisei repetir para que soasse convincente. — Sou clarividente.

— E que reino é esse? — perguntou em seguida, sem parecer duvidar (muito) da minha história. Engoli em seco.

— É o reino de... Santana — disse, o nome do meu bairro sendo a primeira coisa a me ocorrer. — O reino de Santana, nas terras de São Paulo.

Lucien pareceu pesar a resposta, sem desviar os olhos de mim. Resolvi apelar.

— Não sou aliada do Lorde Areon, eu juro. Nunca ouvi falar nele.

— Achei que tinha dito ser clarividente — apontou, pegando-me na minha própria mentira. Tentei sorrir para disfarçar.

— Minhas visões são incompletas. Nem sempre elas são claras. — Lentamente, abaixei os braços. — Será que você se incomodaria de... — Apontei para a espada.

— Oh. Sim. — Lucien baixou a espada, mas não parecia completamente convencido. Eu sabia, pelo que tinha lido, que ele podia ser bem desconfiado com relação a estranhos. Podia só imaginar o que estava se passando pela cabeça dele agora.

— Meu nome é Lisa. Elisabeth — falei, estendendo a mão. Ele deu um passo para trás, como se eu o ameaçasse, e eu ri, sem conseguir me controlar. — Me dê sua mão. É assim que nos apresentamos nesse... reino.

Devagar, ele colocou o abajur no chão e pôs sua mão sobre a minha. Era calejada, provavelmente pelos anos manejando espadas. *Não acredito que isso está mesmo acontecendo*, pensei, enquanto apertava e balançava sua mão de maneira desajeitada. *Lucien de Trinitam está aqui!*

De repente, ouvimos um barulho alto, como o arranque de um carro. Lucien olhou espantado para os lados, e precisei me controlar para não rir.

— Não se preocupe, é só o meu pai — disse, apontando o polegar para a parede. — Ele ronca muito enquanto dorme.

Então um ronco mais baixo e mais próximo, que eu tinha certeza vir do estômago de Lucien, se fez ouvir.

— Está com fome? — perguntei.

— Faminto — respondeu, embainhando a espada. Encarei como um bom sinal de que não era mais considerada uma ameaça.

— Vem, tem comida lá na cozinha — chamei, e fiz um gesto para que me seguisse.

Saí acendendo as luzes em meu caminho, para que Lucien não tropeçasse em mais nada. Do corredor, os roncos do meu pai eram ainda mais altos — não era à toa que nem ele nem Tatiana haviam acordado. Atravessei a sala e entrei na cozinha, e só então olhei para trás para encontrar Lucien parado na sala, com o telefone sem fio nas mãos, encarando-o como se fosse alienígena.

E, bem, para ele talvez fosse. Não existia nada disso em Trinitam. Todo o reino era uma fantasia, criado a partir das noções da era medieval. Lucien estava acostumado a enviar cartas por mensageiros, fazer fogueiras e pegar água em rios. Não era de se espantar que um telefone o impressionasse.

— O que é isso? — ele perguntou, sem tirar os olhos do aparelho.

— É um telefone — expliquei, me sentindo ao mesmo tempo muito inteligente e muito estúpida por ter que explicar algo que me parecia tão óbvio. — É como um comunicador, para falar com pessoas distantes.

— A magia de seu reino é diferente da minha.

Ele baixou o telefone e veio até a cozinha. Abri a geladeira, pensando no que poderia oferecer a ele, mas Lucien já não parecia mais interessado na comida.

— O que é *isto*? — perguntou, tocando a porta da geladeira e se inclinando para ver o que tinha dentro.

— É uma geladeira — respondi, com um meio sorriso, empurrando-o de leve para que me desse espaço. — Serve para conservar os alimentos. Você prefere um sanduíche ou lasanha requentada?

Lucien não me respondeu, espantado como estava com os eletrodomésticos. Suspirei e peguei queijo e presunto para fazer um misto quente. No tempo que levei para colocar os frios no meio do pão e esquentar o sanduíche no micro-ondas, respondi a pelo menos dez perguntas diversas,

explicando desde as funcionalidades do exaustor até os mistérios da água encanada. Foi um alívio vê-lo devorando o lanche e finalmente me deixando pensar um pouco em paz.

— Como chegou aqui? — perguntei, enquanto o observava comer. Ele parecia um selvagem mastigando apressado; o pobre sanduíche não teve a menor chance.

— Não sei ao certo — respondeu, felizmente, não de boca cheia. — Eu estava na torre, analisando quais seriam os meus próximos passos em relação ao amuleto. Fechei os olhos e, quando vi, estava aqui.

Pensei no Caderno de Desejos e no que eu havia escrito antes de ir dormir. Sempre achei que meus personagens preferidos eram quem me entendiam melhor. Será que aquela coisa tinha mesmo funcionado e trazido ele para cá?

Não. Era absurdo. Não existia magia na vida real. Tinha que haver outra explicação.

— Se você não é aliada do Lorde Areon, por que está usando as cores dele, então? — Lucien me surpreendeu ao perguntar, num tom muito menos amistoso. Demorei um instante para entender a que ele se referia.

— Preto? — perguntei, olhando para meu próprio pijama. Claro, como pude me esquecer? As bandeiras e vestes negras eram o marco do grande vilão do livro. Não era à toa que ele estava desconfiado. — É só uma cor. No meu reino, ela não quer dizer nada.

— Então Lorde Areon não tem domínios por aqui?

— Não. Você está seguro.

Ele não respondeu, mas também não fez mais perguntas. Terminou de comer em silêncio, enquanto meu cérebro martelava.

Lucien estava na minha cozinha. Comendo da minha comida. Quando amanhecesse, eu teria que explicá-lo ao meu pai. E pior: ele não sabia como havia chegado ali, nem como ir embora.

Sem querer, lembrei de um ditado que, agora, fazia todo o sentido do mundo:

Cuidado com o que deseja.

Mas já era tarde demais.

Capítulo 6

Mesmo depois de Lisa afirmar com todas as letras que não era aliada de Lorde Areon, Lucien ainda se sentia desconfortável em sua presença. Havia mais magia naquele reino do que em Trinitam, mas ao mesmo tempo ela parecia negar a existência de tal dádiva. Assim como o seu povo Elisabeth também não acreditava em deuses e muito menos em criaturas capazes de destruírem tudo o que amava.

Lucien se empertigou, ajustou a espada que carregava na cintura e seguiu até a janela. Diferente das do castelo, aquela possuía uma transparência curiosa e, ao invés de contar uma história sobre as batalhas que aquelas pessoas que ali viviam já haviam enfrentado, ela mostrava o vazio e a destruição. O príncipe não conseguia compreender o que aquelas coisas, do outro lado da vidraça, significavam. Mas antes que pudesse sequer abrir a boca e perguntar à Lisa, um arrepio lhe percorrer a espinha quando ela o tocou com sutileza no ombro.

Havia carinho naquele gesto e por um momento Lucien se permitiu pensar em Alarea. Na garota de longos cabelos negros e cacheados, de pele clara e nariz arrebitado. Ele a amava e se sentia só desde que a garota seguira com o tio para os campos inférteis de Cárbores, do outro lado do continente. Lisa o fazia se lembrar dela, não na aparência, mas na leveza do toque. No tom de voz, na maneira de explicar tudo nos mínimos detalhes.

— O que são todas estas coisas do outro lado? Por que tanto cinza em meio as árvores? — perguntou Lucien, libertando-se das lembranças de Alarea e olhando para baixo. As luzes que iluminavam o jardim destacavam além do verde, o cinza do chão e o lixo acumulado sob um caminho de pedras.

— Em meu reino — respondeu Lisa com a voz baixa —, a pureza que Trinitam possui já não existe mais, não possuímos tantas florestas como vocês, nem mesmo lagos tão transparentes. Aquilo — disse Lisa apontando para o carro — é o nosso meio de transporte, assim como os cavalos são importantes para você, ele é para a gente. — Lucien parecia chocado diante

de tal revelação, porém se manteve imóvel, sem esboçar nem mesmo um sorriso debochado no rosto.

Havia mais perguntas na mente do príncipe do que ele sequer era capaz de pronunciar. O Amuleto de Denbora o trouxera até ali, através da canção que entoara na torre. Mas ele não poderia contar isso a Lisa, ele preferia que ela continuasse curiosa com relação a quem ou o que o trouxera até ali. Ele ainda não confiava completamente na garota, não quando tudo ao redor parecia ser feito por Lorde Areon. Nem mesmo um pouco de comida e um toque carinhoso seriam capazes de apagar a lembrança de que uma guerra estava prestes a eclodir.

— Onde está a sua coroa? — questionou Lucien, tentando se libertar dos pensamentos que o assombravam. Se Santana fosse mesmo um reino, então Lisa deveria possuir uma ligação com a realeza, pensou. Ele voltou a andar pela cozinha, fitando cada parte dela, tocando nos objetos que não conhecia enquanto Elisabeth o observava.

— Não usamos coroas, meu reino é diferente do seu. — A voz de Lisa estava um pouco sonolenta, Lucien abriu um sorriso debochado quando ela esfregou os olhos com força e deixou um bocejo lhe escapar pela boca. — As suas vestimentas não fazem sentido aqui, assim como as minhas não fariam no seu — provocou, apontando para o traje escuro com o brasão de Trinitam no peito. O príncipe deu de ombros, orgulhoso. — Preciso dormir! — disparou Lisa sem demora. — Precisamos! — corrigiu ela apontando para Lucien.

— Não posso dormir — respondeu ele. Lisa arqueou as sobrancelhas, parecendo confusa. — Preciso proteger o amuleto. Se você diz que não é aliada de Lorde Areon, acredito — mentiu. — Por isso você descansará enquanto eu vigio Denbora e tento encontrar uma forma de protegê-lo em seu reino. Se Areon não governa este território, provavelmente nos encontrará em breve.

Lisa pegou Lucien pelo braço e o levou até o quarto. Ela encostou a porta, deu duas voltas na chave e se sentou sobre a cama. Cansado de ficar em pé, o príncipe sentou-se ao lado da garota de cabelos castanhos e encarou as estantes que rodeavam o espaço. Havia muitos livros, todos eles

empilhados de qualquer jeito. Não existia uma ordem e isso o incomodava. Em Trinitam todas as bibliotecas possuíam serviçais, eles protegiam os livros, os organizam primeiro por assunto, depois autor e por fim de acordo com a avaliação dos membros reais. A vida inteira de Lucien, assim como a de seus pais e demais reis, estava documentada na grande biblioteca central do castelo e na pública, que ficava mais ao sul do reino.

— Você pode dormir no chão, há cobertores no armário e também um colchão embaixo da minha cama. — A voz de Lisa estava ainda mais baixa do que antes, mas desta vez, percebeu Lucien, carregava um pouco de tristeza e cansaço.

— Princesa — chamou ele. Lisa o encarou, surpresa. — Descanse. O dia está amanhecendo e em breve seu reino precisará de você — concluiu. Elisabeth balançou a cabeça.

— Não sou uma princesa, Lucien. Não há reis, nem príncipes, muito menos rainhas e grandes Marleadores — explicou. — Você está seguro aqui. Agora, vamos descansar! — ordenou. Apesar do cansaço em sua voz, Lisa falava com propriedade.

O príncipe se levantou da cama macia e se postou próximo à janela.

E então, Lisa se cobriu até o pescoço, apagou o pequeno lampião ao lado da cama e adormeceu. Lucien a observou por um bom tempo até que seus olhos ardessem e ele decidisse, por fim, deitar-se no chão frio e barulhento do castelo enquanto a princesa do reino de Santana roncava.

Um barulho estridente atingiu os ouvidos de Lucien e, em um sobressalto, ele se levantou do chão gélido e puxou a espada, colocando-se em posição de batalha. O som que reverberava pelo pequeno castelo seguia um padrão, baixo-alto-alto-baixo, uma sequência sonora irritante que, pelo que o príncipe percebera, vinha de uma pequena caixa ao lado da cama de Lisa. Ele se aproximou com leveza, primeiro o pé esquerdo, depois o direito, a espada permanecia imóvel entre as mãos.

Quando ele estava a dois passos da caixa, o som que vinha dela parou. E o castelo mergulhou novamente em um silêncio aconchegante. Lucien

virou de costas, retornando para o lugar onde havia adormecido sem fazer qualquer tipo de barulho. Uma princesa não deveria ser acordada daquela forma. Mas quando ele pensou em colocar a espada de volta na cintura, a caixa gritou novamente e sem pensar, ou fazer qualquer movimento brusco, o príncipe de Trinitam a golpeou com força, partindo-a em dois pedaços.

Rapidamente Lisa despertou e soltou um grito abafado que fez Lucien se distanciar da caixa e guardar a espada.

— O que você está fazendo? — falou Lisa, nervosa. Imediatamente a princesa de Santana levantou-se da cama, ligou o lampião e bufou. — Por que diabos você quebrou o meu celular?

— Celular? — Lucien engoliu em seco.

— Sim, Lucien. CE-LU-LAR. Usamos isto para nos comunicarmos — respondeu ela, pegando na mão o pequeno despertador partido em dois. O som que vinha dele era baixo, mas ainda mais esganiçado do que antes.

— Me desculpe, princesa — pediu ele com uma mesura. — Não foi minha intenção. Em meu reino não existe tal magia, pensei que estivéssemos sendo atacados — explicou.

— Você não pode puxar uma espada e destruir as minhas coisas como bem entender — afirmou. — Trate de se comportar. Em meu reino não toleramos este tipo de coisa — brincou. Lucien assentiu com pesar.

Em Trinitam o pedido de uma mulher, fosse ele uma ordem ou desejo, eram levados a sério. Elas possuíam cargos importantes, de curandeira à chefe da guarda. De rainha à governante de vilarejos ou distritos. Então quando Lisa, com a voz ainda adormecida, exigiu um pouco mais de decência, ele se empertigou e baixou a cabeça em um breve pedido de desculpas.

Lisa havia deixado Lucien sozinho no quarto enquanto se arrumava em algo que ela chamara de banheiro. À medida que a esperava ele tentou se manter longe de problemas, sentado sobre um banco macio e estofado — semelhante ao trono do rei Tahreos, porém mais simples — ele fitava o horizonte. Elisabeth havia deixado a janela aberta e alguns raios de sol — aos

poucos — adentravam o quarto da menina e iluminavam os livros, a cama desarrumada e o chão barulhento. Naquele reino, refletiu o príncipe, a cor do sol parecia ser mais pálida e as nuvens extremamente escuras, como em dias de chuva. Olhar para aquela imensidão, cheia de blocos de pedra empilhados e carros — como Lisa lhe mostrara mais cedo — o assustava. Trinitam possuía mais vida, mais riquezas. Mais magia. Como se o estivesse observando, a garota de cabelos castanhos pigarreou e abriu um leve sorriso quando Lucien se levantou rapidamente do trono macio, nervoso.

— Fique — pediu ela, apontando para o trono. — Esta cadeira faz bem para as costas. — O príncipe arqueou as sobrancelhas, havia confusão em seu olhar. Em Trinitam as cadeiras eram diferentes. Adornadas em ouro e muitas vezes com uma pequena almofada de penas.

— Seu trono é realmente confortável — falou. — Mas por que o menospreza tanto? Um trono jamais deve ser confundido com uma cadeira. — Lisa sorriu. — Não entendo — disparou Lucien. — Qual o motivo do riso?

— Você não está sentado em um trono, príncipe Lucien. Em Santana chamamos isto de cadeira ou poltrona, como preferir. Mas existe um trono em meu castelo — afirmou. — No entanto, utilizamos ele para outros fins. — Ela segurou o sorriso, Lucien estufou o peito mostrando controle diante do leve deboche da garota. — Se você quiser, na verdade — sopesou. — Você deveria usá-lo.

— O que quer dizer com isso, princesa? — Lisa o puxou pelo braço em direção a porta, ela levantou a mão e colocou sob a boca de Lucien, pedindo silêncio. Sem exigir mais nada dele, ela o arrastou até um corredor escuro, haviam alguns vasos de flores sobre pequenas caixas de madeira cheias de divisórias, e do lado esquerdo próximo a um espelho, a única coisa que o príncipe reconhecia além das flores, uma porta branca. — Entre! — sussurrou ela em seu ouvido.

Ao atravessar a porta, Lucien se deparou com um cubículo quadrado, as paredes carregadas de pequenos tijolinhos de cor marfim e um pouco mais acima, próximo ao teto, uma pintura clara que contrastava com o brilho do chão.

— O que é isso? — questionou ele, enquanto Lisa encostava a porta.
— Por que me trouxe até aqui, princesa? — A voz estava baixa, como a princesa de Santana pedira.

— Um banheiro. E este aqui — falou, apontando para algo semelhante a uma bacia branca, coberto por uma tampa da mesma cor e preso ao chão — é o meu trono. Digo, vaso sanitário. — Lucien engoliu em seco. Ele não estava gostando nem um pouco do atrevimento da garota.

— Vaso sanitário — pronunciou o príncipe. — O que ele faz? — perguntou, tentando demonstrar curiosidade.

— Uma espécie de libertação. Ele remove os demônios do seu corpo e os leva para longe. — Ao mesmo tempo em que se sentia incomodado por estar preso com Lisa naquele cubículo, uma onda de entusiasmo reverberava por seu corpo. Santana era realmente um reino tão rico quanto Trinitam. Magia, pensou Lucien, havia muito dela naquele lugar.

— Não há demônios em mim, princesa — disse sem deixar que ela continuasse a apresentação. — Sou um Semeador, meu coração é puro assim como quaisquer pensamentos que iluminem a minha mente. Posso lhe garantir — explicou, tocando-a no ombro. — Não possuo escuridão e muito menos, demônios. — Lisa o observava dos pés à cabeça com curiosidade.

— Você não possui necessidades fisiológicas, príncipe? Como, por exemplo, fazer xi...

— Sei o que são necessidades fisiológicas. Não preciso que você me explique isso também — falou, interrompendo-a. Imediatamente ele sentiu seu rosto corar, em Trinitam era incomum discutir tais coisas com uma princesa. Não por que elas não deveriam saber sobre aquilo, mas sim pelo respeito que deveria prevalecer independentemente da idade.

Lisa balançava a cabeça, incrédula.

— Você já está há mais de oito horas em meu reino, príncipe. Acredito que precise libertar seus demônios — brincou cutucando-o. — É só sentar, fazer o que precisa ser feito e depois apertar o botão aqui em cima. — Mostrou. — Acredito que o restante, digo, se...

— Sim, princesa. Eu sei — respondeu, envergonhado.

— Muito bem. Quando estiver pronto, basta abrir a porta.

Lucien assentiu e Lisa deixou o cubículo segurando o riso. O príncipe de Trinitam não compreendia o motivo para tal graça, mas se havia algo de muito estranho naquele reino era o fato de se utilizar um trono para remover demônios.

Capítulo 7

Lucien de Trinitam era a pessoa mais sem noção que eu já havia conhecido. E isso incluía todos os meus colegas de escola e minha madrasta, que era, 99% das vezes, a pessoa mais sem noção de qualquer ambiente.

Mas Lucien... Lucien tinha um nível completamente novo de falta de senso. Não era só o fato de ele não entender como as coisas funcionavam do lado de cá das páginas, e me perguntar a cada vinte segundos sobre alguma coisa nova; era que faltava o mínimo de noção sobre como viver em sociedade.

Ou melhor, ele até sabia como conviver em sociedade, mas não com a minha. E isso ficou dolorosamente claro assim que saímos de casa.

Decidi que o apartamento era o último lugar onde deveríamos ficar. Apesar da proximidade do Natal, meu pai e Tatiana ainda estavam trabalhando, e provavelmente passariam para almoçar em casa. Não queria arriscar que encontrassem Lucien ali antes que eu tivesse planejado uma boa desculpa para a presença dele, então rabisquei um bilhete avisando que ficaria na casa da Gabi até tarde e preendi na porta da geladeira com um ímã. Decidi que, já que ele estava aqui, poderia muito bem conhecer um pouquinho mais do Grande Reino de São Paulo.

Foi uma péssima ideia.

Começou com o ônibus. Eu já havia explicado como o nosso sistema de transporte coletivo funcionava, mas, mesmo assim, ele assumiu uma posição defensiva quando o biarticulado veio na nossa direção, pulando para a minha frente para me defender. Graças a Deus, depois de pelo menos uma meia hora de conversa, eu o tinha convencido a deixar a espada para trás, segura embaixo da minha cama, mas isso não o impediu de se armar até os dentes com adagas aqui e ali. Para a minha sorte, não tinha mais ninguém no ponto de ônibus, ou teríamos sido presos.

— Isso é muito mais rápido que um cavalo! — exclamou, quando subimos e o ônibus saiu soltando fumaça. Não deixei de notar que, mesmo

surpreso com a velocidade, ele mantinha perfeito equilíbrio, sem nem precisar se segurar. Malditos personagens habilidosos!

— Pois é — respondi, ignorando os olhares esquisitos que recebemos de alguns passageiros. Paguei pelas nossas passagens e atravessamos a catraca, Lucien tocando as barras de metal com o rosto franzido, mais uma vez chocado com as maravilhas do mundo moderno.

Arrastei-o pelo braço impacientemente até os fundos do ônibus, onde pudemos nos sentar. Ele parecia quase normal nas roupas que eu emprestara para ele, um jeans antigo do meu pai e uma camiseta preta grande demais para mim, mas não parecia nada confortável nelas. Ficava o tempo todo correndo as mãos pelo tecido, como se estivesse checando os bolsos por objetos, só que no corpo inteiro. Por fim, perguntou:

— Essas vestes do seu reino. Agradeço pelo empréstimo, mas são tão...

— Desconfortáveis? — sugeri.

— Desprotegidas — ele completou, e ergui as sobrancelhas. Não estava esperando por isso, mas fazia sentido; Lucien andava com roupas de couro de animais e várias camadas de vestimenta em Trinitam para se proteger do tempo, de bichos e até mesmo de ataques. Uma camiseta de algodão, para ele, devia ser o mesmo que andar por aí pelado.

— Nada vai te atacar aqui. Pode ficar tranquilo — garanti, com um sorriso. Ele não parecia convencido.

— Não? Nem a criatura que fez isso com você? — perguntou, apontando para o meu rosto.

Toquei as marcas da acne, sentindo o rosto arder de vergonha. Aí estava ela de novo, a falta de noção. Fechei a cara e desviei o olhar dele. Lucien deve ter percebido que me atingiu porque, quando tornou a falar, sua voz era mais suave.

— Não precisa se envergonhar das suas cicatrizes, princesa — disse. — É sinal de que lutou bravamente. Aquele que não tem marcas, não tem história.

— Não são *marcas de batalha* — repliquei, virando-me de volta para ele, enfurecida. — Esse é *o meu rosto*. Nada fez isso comigo além de pele oleosa e uma genética ruim.

Sua testa se franziu levemente, perdido com os termos que não conhecia. Durou menos de um segundo, e logo ele sorria outra vez.

— Outro motivo para se orgulhar. Você é quem é, Lisa. Não há vergonha alguma nisso.

Fácil para você falar, pensei. *Você é bonito*. Mesmo assim, senti parte da minha raiva se dissipando. Quando descemos do ônibus, já estava muito mais calma.

Como imaginei, Lucien imediatamente se encantou pelo Parque do Ibirapuera. Era muito mais parecido com o lugar de onde ele vinha do que a selva de concreto paulistana, embora, como ele mesmo fez questão de ressaltar, não fosse nada comparado às florestas de Trinitam.

— As matas são mais verdes em Trinitam, há lagos por toda a parte, animais e também cavernas. Nossas estações são melhor definidas e o ar, mais puro. Montanhas contornam boa parte do reino, assim como os rios.

Balancei a cabeça, sem prestar muita atenção. Já tinha lido e relido os livros tantas vezes que eu mesma poderia listar todas as características de Trinitam. Deixei que ele falasse, porque pelo menos aí estava distraído em seus próprios pensamentos, sem me importunar com questões do tipo *o que é uma bicicleta*. Desliguei-me tanto que nem sequer reparei quando ele parou de falar.

Olhei para o lado, e ele não estava mais ali. O Ibirapuera era *gigantesco*! Como diabos eu ia encontrá-lo se ele se perdesse, sem nem ao menos um celular para ligar?

— LUCIEN! — chamei, olhando em todas as direções. Quase fui atropelada por um skatista, desviando bem a tempo.

Foi então que eu o vi. Ele tinha corrido para o lago.

E estava tirando a camiseta.

— Lucien! — gritei, correndo até ele. Lucien se virou para mim,

sorrindo. Parei ao seu lado, arfando por ar enquanto perguntava: — O que está fazendo?

— Só vou me lavar e pegar um pouco de água para nós — respondeu, puxando um cantil de um dos bolsos do jeans. Fiquei tão chocada por um instante que tive vontade de rir.

— Você não pode entrar aí, muito menos beber essa água! — exclamei, num tom quase histérico. É assim que mães se sentem tendo que controlar cada passo dos filhos, concluí. Eu não duvidava nada que Lucien metesse um dedo numa tomada antes que eu conseguisse descobrir como levá-lo de volta.

— Por que não?

— Primeiro porque é proibido. Segundo, porque essa água não é boa. Está poluída.

Lucien não respondeu, o rosto aos poucos assumindo uma expressão de pesar. Vestiu novamente a camiseta e guardou o cantil, antes de lançar um olhar triste ao lago.

— Sei que é seu reino, Lisa, e você deve amá-lo — disse, sem olhar para mim —, mas creio que possam aprender algumas coisas com Trinitam. Como tratar a natureza é uma delas.

Não falei nada. Ele não fazia ideia.



Foi um dia longo e bom, na medida do possível. Lucien ficou mais animado depois que paguei um sorvete para ele, e ainda mais feliz depois de cumprimentar alguns cachorros — aparentemente, todos os cães em Trinitam eram selvagens, e a variedade de raças do nosso mundo foi muito bem recebida por ele.

Sáímos do parque quando já estava escurecendo. Eu estava exausta e precisava de um banho, mas ainda não tinha a menor ideia do que diria ao meu pai quando aparecesse com ele em casa.

Descemos no ponto e andamos lentamente para casa. Quando

paramos na frente do prédio, esperando o porteiro nos deixar entrar, Lucien olhou para cima.

— O que é isso no céu? — perguntou, intrigado. Olhei, imaginando que talvez ele tivesse visto um avião passar, mas não havia nada demais. Só a lua cheia e algumas estrelas.

Então me lembrei. *As estrelas.*

Entramos no elevador e apertei o botão para o último andar, abrindo um sorriso para Lucien.

— O que houve? — ele perguntou, ao notar minha expressão.

— Você já vai ver.

Saímos no vigésimo andar. O corredor estava escuro, e precisei balançar os braços para o nada para que a luz automática se acendesse. No meio do corredor, havia uma escada que levava ao salão de festas do terraço. Subimos, e abri a porta que dava para o salão.

— Lisa, onde estamos? — Lucien perguntou, num sussurro que parecia um grito no ambiente escuro. Não precisei acender as luzes para me guiar; conhecia o ambiente como a palma da minha mão, e tinha a luz do luar para me ajudar. Fui até a porta de vidro do outro lado do salão e a destranquei.

— Venha cá — chamei, e vi Lucien traçando passos hesitantes na minha direção.

Saímos para o terraço propriamente dito, e vi a expressão no rosto de Lucien se tornar uma de puro contentamento e surpresa. Seu queixo caiu enquanto ele encarava o céu. A noite estava limpa de nuvens e, embora a poluição e a luz da cidade não nos deixassem ver tanto quanto gostaríamos, ainda era possível avistar algumas estrelas. Para mim, algo comum. Para ele, um universo novo.

— O que são esses pontos no céu? — perguntou, após alguns minutos de silêncio embasbacado.

— São estrelas — respondi. A explicação científica estava na ponta da minha língua, mas, por algum motivo, decidi mudá-la. Sorrindo,

acrescentei: — São os espíritos daqueles que partiram. Quando alguém se vai, uma estrela nova nasce no céu. É o jeito de eles dizerem que ainda estão por aí, olhando por nós.

Lucien não pareceu duvidar das minhas palavras nem por um instante. Até eu quis acreditar nelas. Era a versão que minha mãe costumava me contar quando eu era criança. Era muito melhor do que a explicação verdadeira.

— Nunca vi estrelas — murmurou, os olhos fixos no céu, apoiando-se na balaustrada. — Elas não existem no meu mundo.

— Todos nós vemos estrelas. Só que nem todo mundo se lembra de olhar para o céu.

Ele sorriu, entendendo perfeitamente o que eu queria dizer. Apoiei-me na balaustrada ao lado dele e olhei para cima, perguntando-me se, de algum lugar, minha mãe também estaria sorrindo para mim.

Capítulo 8

— Em Trinitam a lua é nossa guardiã — disse Lucien, baixinho. — Há quem diga que ela nos observa, protege e nos guia pelas florestas mais sinuosas. Segundo meu pai, ela se apaixona por aqueles cujos corações foram partidos — contou. — Alguém já partiu o seu coração, princesa?

Lisa abaixou o rosto levemente, Lucien percebeu quando os olhos da garota se encheram de lágrimas. O ar ao seu redor congelou, como se fizesse questão de eternizar aquele instante.

— Já — respondeu ela.

— Meu coração também já foi partido, mais vezes do que eu gostaria de me lembrar. — Lisa levantou a cabeça, encarando-o. Lucien ainda fitava as estrelas com admiração, desejando que elas o ajudassem a encontrar uma saída para o amuleto que escondera em meio aos livros de Elisabeth. — Na primeira vez a dor foi insuportável, me senti inútil diante da pessoa que amava. E eu tentei, princesa, por duas vezes fazer com que ela me enxergasse como antes.

— O que você fez para ela? — Perguntou Lisa.

— Nem sempre a culpa é nossa, Lisa, acredito que também não tenha sido culpa dela. Algumas vezes a vida prende nossos braços e pernas com correntes, e sem a chave fica difícil de escapar. E foi assim com o meu coração. Sinto que o entreguei demais, cada parte dele estava nas mãos dela. E como sentença o destino me puniu para que um dia eu soubesse exatamente o que fazer com a melhor parte de mim.

— E o que seria? — Questionou a princesa com um leve rubor nas bochechas. Lucien se sentia cada vez mais próximo daquela garota, parecia certo estar ao lado dela naquele momento, mas também errado. Ele não pertencia aquele mundo mesmo que ela fizesse de tudo para que ele se sentisse parte da sua história.

— É preciso amar o seu coração, Lisa, assim como a pessoa que você é. Somente depois disso você será capaz de entregá-lo a alguém. O amor,

assim como todas as coisas mais importantes desse mundo, requer cuidado. Jamais entregue a sua felicidade nas mãos de alguém que não saberá aproveitá-la. A resposta está onde os olhos se recusam a ver, mas você — Disse Lucien tocando a mão de Lisa —, somente você, saberá onde encontrá-la. — Explicou — Em meu reino, na maioria das vezes, ela está na lua ou no sol, na magia que reverbera pelo nosso corpo. No seu reino, acredito eu, ela está nas estrelas.

Ele respirou fundo e deixou que as lágrimas caíssem de seus olhos. Ao observar Lisa ele conseguiu compreender o motivo de estar contando tais coisas para ela: a princesa o entendia, sabia exatamente o que ele havia passado. Pois ela, algum dia, já havia sofrido por isso também e — mesmo que se recusasse a contar os motivos —, o príncipe imaginava que não fora fácil.

Às vezes o silêncio fala mais alto do que qualquer murmuro e naquele momento, enquanto ambos fitavam o seu estrelado do reino de Santana, Lucien sabia que estava no lugar certo.

Lisa ainda dormia quando Lucien deixou o quarto e seguiu para a cozinha. Ele estava faminto e depois de todos os ensinamentos da princesa, ele sabia exatamente onde estava cada uma das coisas que precisava para se alimentar. O corredor estava um pouco mais claro que no dia anterior, a porta do *trono* estava entreaberta e haviam inúmeros pedaços de pano espalhados pelo chão. Mas Lucien decidiu ignorar, talvez os serviçais estivessem organizando o castelo. Ele seguiu para a cozinha, o cheiro que vinha dela parecia saboroso e lembrava um pouco o café da manhã especial de Cressida — a cozinheira oficial do castelo de Trinitam —, mas um pouco mais forte.

Quando Lucien abriu a porta da cozinha, havia uma mulher. Ela estava parada diante das chamas que crepitavam sob aquele monte de lata. O príncipe não se lembrava do nome daquela coisa, mas sabia que era utilizado para aquecer os alimentos ou cozinha-los.

— Bom dia! — disparou seguido de uma mesura. Independentemente de a mulher ser uma serviçal ou não, as regras eram claras: todos mereciam respeito. Rapidamente a mulher girou o corpo e gritou. Lucien arregalou os

olhos, assustado. Ele não estava nu, apenas usava as vestimentas que Lisa entregara a ele no dia anterior. — Me desculpe, senhora. Não foi minha intenção assustá-la. — A mulher, de cabelos louros e estatura mediana, usava um vestido claro e havia um colorido estranho em seu rosto. Ela não parecia ser uma serviçal, não porque serviçais não pudessem usar aquele tipo de roupa, mas por simplesmente estar mais próxima de uma rainha do que de uma cozinheira. Antes que ele pensasse sequer em continuar a conversa, a mulher gritou mais uma vez. Porém, agora, segurava uma arma na mão esquerda. Um pedaço de madeira, observou Lucien.

— Quem é você? — perguntou ela. O príncipe puxou a pequena adaga que carregava no bolso e contornou a mesa ao centro da cozinha. A serviçal se afastou das chamas e seguiu para o lado contrário. — O que está fazendo na minha casa? — Lucien assumiu a posição de batalha. Ela não se comportava como alguém da realeza, talvez fosse uma ameaça para ele e Lisa.

— Diga-me você primeiro — respondeu. — Abaixе esta arma e não farei nada contra você — alertou. Mas a mulher gritou mais uma vez, sua voz era mais aguda que a de Elisabeth e Lucien percebeu quando os pelos do braço dela se arrepiaram. Medo. Ela temia o príncipe de Trinitam. — Fale ou darei um fim a sua vida — ameaçou.

— Tatiana. Meu nome é Tatiana — gaguejou.

Lucien ajustou um pouco mais a postura e continuou.

— O que faz aqui, Tatiana? — questionou. A mulher, de pele morena e olhos castanhos, limpou as lágrimas que escorriam pelo rosto e rangeu os dentes.

— Eu moro aqui — disse simplesmente. — Leve o que quiser, não vou chamar a polícia. — Ao ouvi-la falar daquela forma Lucien bufou. Antes que ele pudesse fazer qualquer coisa com relação a ela, Lisa apareceu na porta da cozinha com o rosto inchado e os cabelos bagunçados.

— Lucien, pare! — gritou ela. — Ela mora aqui — explicou. O príncipe aliviou a tensão e guardou a adaga.

— Quem ela é, princesa? — perguntou.

— Minha madrasta.

Capítulo 9

— Oh! — Lucien exclamou, baixando a adaga enquanto olhava de mim para Tatiana. — Mil perdões, minha senhora. Permita-me recomeçar. Sou Lucien de Trinitam. — Ele fez uma medida bem-educada. — E você deve ser a Rainha de Santana.

Cobri o rosto com as mãos, querendo que o chão se abrisse para me engolir. Rainha. Ele tinha que usar a palavra rainha!

— Bom dia... quem é você? — Meu pai apareceu na cozinha, e seu bocejo foi interrompido pelo choque. Olhei dele para Lucien e para Tatiana e tentei pensar em um plano rápido. Antes que Lucien pudesse abrir a boca para dizer mais algum absurdo, puxei meu pai pela mão e disse:

— Tati, vem comigo. Lucien, você *fica*.

Ele assentiu, estranhando meu comportamento, e arrastei meu pai para a sala, com Tatiana em nossos calcanhares. Os dois me encaravam em expectativa.

— Pode me explicar por que tem um garoto na minha cozinha a essa hora da manhã? — foi meu pai quem falou primeiro. Ele mantinha o tom neutro, mas eu o conhecia o suficiente para saber que estava aborrecido. Quanto mais bravo ele ficava, menos deixava transparecer.

— Ele é um amigo meu — comecei, falando lentamente, para ganhar tempo. — E ele... ele está com problemas. Precisa de abrigo por uns tempos, e eu o convidei para ficar aqui.

— Que tipo de problemas? — papai indagou, parecendo desconfiado.

— Problemas com a família. — Corei, mas tentei manter uma cara séria. — Olha, pai, o assunto é superdelicado. Eu juro que ele vai embora logo. Até lá, ele pode dormir no sofá.

Passamos um minuto em silêncio. Meu pai e Tatiana trocaram um olhar, um daqueles em que casais tem milhares de conversas silenciosas em questão de segundos. Por fim, quem falou foi Tatiana.

— Muito bem. Ele pode ficar — disse ela, assentindo —, mas nada de apontar canivetes para ninguém. O que foi aquilo?

— Ele é da periferia — justifiquei, com um dar de ombros. — Ah. Tem mais uma coisa.

— O quê? — os dois disseram ao mesmo tempo.

— Posso pegar umas roupas suas emprestadas? — perguntei, com um sorriso amarelo.



A manhã foi um pouco mais tranquila depois disso. Percebi que meu pai e Tatiana continuavam um pouco desconfiados de Lucien durante o café, mas, para minha surpresa, ele conseguiu contornar muito bem a desconfiança. Acabou que, para um guerreiro, Lucien de Trinitam também sabia ser muito gentil.

— Por favor, deixe que eu levo isso — disse para Tatiana, tirando os pratos da mão dela e levando até a pia quando terminamos de comer. — Rainhas não deveriam ter tanto trabalho.

— Rainhas? — Riu-se ela, mas, pelo rubor nas suas bochechas, ela estava gostando.

— Ora, mas é claro! — ele prosseguiu, calmamente. — Ainda que não seja a Rainha Mãe deste reino, casou-se com um rei. Vejo que é gentil. Seu povo deve amá-la muito.

Ela gargalhou, assustando meu pai que, distraído com o jornal, mal prestava atenção à conversa. Então virou-se para mim e, sem emitir ruído, disse: *gostei dele*. Corei ainda mais. Levantei-me rapidamente, indo para a pia lavar a louça, antes que Lucien tentasse beber o detergente ou algo parecido. Expulsei-o de lá, e ele saiu de bom grado.

— Conte-me mais sobre vocês, Tatiana. Lisa quase não fala sobre a família — continuou ele, indo se sentar na cadeira que eu acabara de vagar, ao lado de Tatiana. De repente, desejei eu mesma enfiar detergente na goela dele.

— Bom, eu e o Marco Aurélio somos dentistas — ela contou. Virei-me rapidamente para balançar a cabeça para Lucien antes que ele dissesse algum absurdo, e ele assentiu quase que imperceptivelmente para mim. — Nos conhecemos no consultório, e estamos juntos há seis anos.

— Seis anos? E sem filhos? — perguntou Lucien, mas não daquele jeito quase acusatório que algumas pessoas usam quando questionam casais sobre suas escolhas de vida. Era pura curiosidade.

— Eu... não posso ter filhos — Tatiana disse, a voz baixa. Então pigarreou e, com uma alegria quase forçada, prosseguiu: — E temos Lisa, e ela já nos dá bastante trabalho. Somos uma família completa!

Larguei a louça, mas não tive coragem de virar para trás. Tatiana era *estéril*? Eu nunca soube. Esse tempo todo, simplesmente presumi que ela e meu pai não quisessem ter mais filhos. Ela ainda era jovem, com seus trinta e poucos anos. Nunca a tinha visto comentando sobre bebês ou fazendo qualquer tratamento para engravidar, então imaginei que ela, como muitas mulheres, não quisesse ser mãe.

Senti minha garganta se fechando e tentei me distrair com o resto da louça. Eu sabia que piedade era o pior sentimento que alguém poderia ter por outra pessoa, mas, naquele instante, não pude evitar sentir um pouco de pena da Tatiana.

Terminei de lavar a louça, e então enxotei Lucien para o banheiro com roupas limpas diretamente do armário do meu pai. Expliquei o que era cada produto e como usar o chuveiro, e fechei a porta torcendo pelo melhor. Quando voltei para o quarto, dei de cara com Tatiana lá dentro, sentada na minha cama com uma postura perfeita.

— Seu pai e eu vamos sair para ir ao mercado — ela disse, cruzando as mãos sobre o colo. — Lucien vai passar o Natal com a gente? Precisamos contar com ele na ceia.

— Eu acho que sim. Se não for incômodo — acrescentei rapidamente. Mal conseguia olhar para ela, a conversa de mais cedo ainda reverberando na minha cabeça.

— Incômodo algum. — Ela se levantou e pôs uma mão no meu

ombro. — Fico feliz que você tenha encontrado alguém, Lisa, mesmo que não queira dividir com a gente.

— Como é? — Franzi o cenho, confusa. Tatiana sorriu.

— Lisa, eu já tive a sua idade. Eu sei que você acha que seu pai vai brigar com você por ter trazido seu namorado pra cá, mas posso conversar com ele, se quiser. Você tem quase dezesseis, essas coisas acontecem.

Eu a encarei, chocada e muda por um segundo.

— Lucien não é meu namorado — declarei. Ela deu sua clássica revirada de olhos condescendente.

— Tudo bem, se você não quiser me contar...

— Não, quero dizer, ele nunca, nem em um milhão de anos, poderia ser meu namorado — eu a interrompi. E então, sem nem saber por que, completei: — Eu gosto de garotas.

Foi a vez de Tatiana me encarar, incrédula. Seu queixo caiu e, por um longo minuto, ela não fez nada além de me olhar. Por fim, pareceu recuperar a compostura; fechou a boca, a expressão voltando ao normal, e suspirou.

— Bom, isso certamente explica muita coisa. — Ela sorriu e pôs uma mão no meu rosto. — Obrigada por me contar, Lisa. Fico feliz que confie em mim.

E então saiu, sem dizer mais nada.



Lucien saiu do banho pouco depois que meu pai e Tatiana saíram para fazer as temidas compras de Natal. Ele me encontrou deitada na cama, encarando o teto, ainda sem conseguir acreditar no que tinha acabado de acontecer.

— Esse *chuveiro* de vocês é muito bom! — exclamou, passando a toalha pelos cabelos molhados. Então franziu o cenho para mim. — Você está bem, princesa?

— Acabei de ter a conversa mais estranha do mundo com a Tatiana

— respondi, sem saber se estava falando com ele ou apenas pensando alto.

— Ah, a rainha! — Lucien se sentou no chão ao meu lado, apoiando as costas na parede — Ela me parece uma pessoa muito justa e bondosa. E tem muito carinho por você. Qualquer um que converse com ela pode ver que a rainha a tem como uma filha.

Não respondi. Nunca pensei em Tatiana como mãe — na verdade, nunca pensei na nossa relação. Ela era legal, mas às vezes me dava nos nervos. Não éramos parentes, nem amigas, e agora eu me perguntava se parte disso não era também minha culpa. Eu não a tinha deixado entrar. Sequer a conhecia direito, ou ela a mim. Nunca dei uma chance a ela, não de verdade.

— O que houve com sua mãe, Lisa? — ele perguntou, então, me tirando dos meus devaneios. — Ela virou estrela?

— Sim — falei, virando de lado para encará-lo. — Ela morreu quando eu tinha três anos.

— Sinto muito — Lucien murmurou, parecendo verdadeiramente sentido. Tentei sorrir.

— Já faz muito tempo. Eu mal me lembro dela.

— Ninguém deveria conhecer a dor de perder os pais. — Ele balançou a cabeça, e então sorriu. — Mas tenho certeza de que ela olha por você todos os dias, e que está muito feliz por você ter Tatiana para cuidar de você.

Sorri também, mas fiquei quieta. Se eu abrisse a boca, ia começar a chorar.

Capítulo 10

Lucien estava um pouco inquieto. O amuleto de Denbora continuava a salvo, mas existiam muito mais perguntas em sua mente do que ele gostaria. Primeira: como ele chegara até ali? Ele não utilizara magia nem nada semelhante; segunda: voltar para Trinitam seria a melhor escolha naquele momento? Retornar antes que a guerra dizimasse o seu povo? E, por fim, a terceira e mais derradeira pergunta: o que o reino de Santana fizera para ele? Por que ele se sentia tão próximo de Lisa sem nunca a ter visto antes? Como se pudesse ouvir os seus pensamentos, a princesa de cabelos castanhos e olhar gentil o cutucou.

— Reino de Santana chamando Reino de Trinitam. Príncipe Lucien, apresente-se por favor — falou com deboche.

— O quê? — respondeu Lucien.

— Preciso que você me ajude a fazer uma lista de atividades para a noite de Natal. É uma tradição familiar. — Suspirou. — Ao menos era o que eu e meu pai fazíamos antes de ele começar a namorar Tatiana. Quer saber? — balbuciou. Lucien parecia desinteressado. *Muitas perguntas, poucas respostas*. Pensou. — Esquece. É besteira.

— Desculpe-me, princesa — pediu. — Minha mente está em outro lugar.

— Onde? — interrompeu Lisa.

— Em Trinitam — disse com tranquilidade. — Algumas coisas não se encaixam e não falo isso porque não me sinto bem ao seu lado, em seu reino — ponderou. Lisa deu de ombros. — Mas há tantas coisas diferentes aqui, tanta magia. Talvez tenha sido ela que me arrastou até aqui, e isso é preocupante.

— Lucien, está tudo bem... — disparou Lisa, tocando-o no braço. — Você não precisa ter medo.

— Não, princesa. Eu não deveria estar aqui. Se magia me trouxe até o

seu reino, isso quer dizer que há algo de errado comigo — propôs. — Em meu reino manifestamos nossos dons após uma cerimônia, aos dezenove anos. É incomum sermos tocados pelas correntes mágicas antes disso. — Lucien sabia que se estivesse sido atraído pela magia do reino de Lisa, outros o caçariam. E trazer os Marleadores até Santana era o que ele menos queria.

— Lucien — chamou Lisa —, a sua história, a sua magia, tudo que já fez, faz e fará parte de você... eu já conheço. — Ele franziu a sobrancelha, confuso.

De novo aquela discussão, pensou. Lisa falava com tanta propriedade que em alguns momentos Lucien desconfiava de que ela estava mais para uma moradora de Démores — conhecidos pelo domínio da água, fogo e destino — do que para uma princesa.

— Onde está o amuleto? — perguntou. Lucien balançou a cabeça em negação, ele não diria a ela onde havia guardado a relíquia. Não quando a vida dela poderia correr perigo. O amuleto de Denbora permaneceria com ele até que houvesse uma chance de escondê-lo ou destruí-lo.

— Não posso falar. Se você diz saber tanto sobre mim, Lisa, sobre a magia que em breve inundará o meu corpo, também deve saber do que o amuleto é capaz — lembrou. — Há muito mais sobre ele do que qualquer um de nós sabe, não quero que a mesma escuridão que se assomava por meu reino também abrace o seu.

— Ela já está aqui, Lucien. Há muitos anos — confessou. Um arrepio percorreu o pescoço do príncipe, deixando-o assustado com a revelação. — Não da forma que você imagina, com monstros e deuses guerreando, mas também existem Marleadores no meu mundo. Homens capazes de tudo pelo poder.

— E esta guerra terminará algum dia? — questionou.

— Espero que sim. Precisamos que acabe. Tem tanta pobreza, violência, preconceito, machismo. Às vezes parece que nunca vamos vencer. Você fala que temos magia, mas os dons que vocês possuem são só lendas por aqui. Não temos guerreiros que lutem como os que lutam por Trinitam — contou com tristeza no olhar.

— Os heróis jamais morrerão, princesa. Há um deles dentro de cada um de nós — explicou tocando o coração. — Você não precisa possuir magia para lutar em uma guerra, você só precisa da sua alma. Da bondade que carrega dentro dela. Nem todos os guerreiros lutam com uma espada, às vezes a arma mais poderosa está dentro de você.

O quarto de Lisa estava abafado. Enquanto em Trinitam o frio ecoava pelos quatro cantos do continente, em Santana o calor inundava as roupas de Lucien de suor e fazia a princesa parecer um bloco de gelo em movimento, prestes a derreter.

— O que são todas estas coisas? — perguntou, mexendo em uma caixa grande de cor escura. — E por que a moça da cozinha, Tatiana, está cantarolando tão alto e enchendo os corredores com bolas coloridas e luzes que piscam como vagalumes. — Lisa gargalhou, ela parecia achar graça de tudo o que príncipe falava.

Ele não sabia que soava tão estranho assim o seu sotaque e as escolhas de palavras. Em Trinitam havia respeito na voz de cada um, fosse membro real ou não, mas em Santana as coisas pareciam mais fáceis. Mais seguras e isso deixava Lucien nervoso. Se pudesse, refletiu, o reino de Lisa seria um bom lugar para se viver. Mas o amuleto era sua prioridade.

— Lucien! — gritou ela. — Cuidado! — pediu, afastando-o de uma caixa cheia de vidros. — Se você destruir estes enfeites, a Tatiana te estrangula. — O príncipe engoliu em seco diante da ameaça. — Antes que você destrua mais alguma coisa como fez com o que meu celular — zombou — me dê essa caixa e fique longe de problemas. Senta aí e me deixa organizar isso aqui. — Ela puxou a caixa para si e começou a retirar o que chamara de enfeites. Lucien não sabia o que eram enfeites, na verdade aquelas bolas e pequenas peças de vidro se assemelhavam muito as decorações festivas de Trinitam.

— Mas princesa...

— Anda, senta. — E Lucien seguiu para a cadeira macia e estofada de Lisa.

— Você não respondeu a minha pergunta — disse ele, baixinho.

— Meu deus, você faz tantas perguntas que não sei qual delas responder primeiro — desabafou. — Faça novamente, mas dessa vez em voz alta e não como se sentisse pena dos meus ouvidos.

— PRINCESA! — berrou. Lisa o encarou irritada. Ele riu. — Desculpe. Para o que servem estes enfeites? — falou apontando para a caixa.

— É pra decorarmos a casa pra ceia de Natal. Sabe o que é Natal? — perguntou ela. Lucien balançou a cabeça. — É uma cerimônia, tipo aniversário, só que a gente comemora o nascimento de Jesus, que é o deus mais popular dessas terras. Bom, filho dele, mas enfim. Nesse dia, as famílias se reúnem, comem juntas e as crianças esperam o Papai Noel. — Lisa ergueu um enfeite no formato de um pequeno homem com vestes vermelhas e uma longa barba branca. — Ele traz presente pra quem foi bonzinho durante o ano.

— Papai Noel, princesa? — Lucien tentou segurar o riso, mas falhou miseravelmente. — Isso soa muito mais como um membro da legião de Lorde Areon do que alguém capaz de entregar um presente para alguém ou fazer algo de bom — sopesou. — Estava amando o seu reino, até ouvir você falar sobre... esta coisa — disse, apontando para o pequeno enfeite que Lisa segurava próximo ao peito.

Lisa parecia desconfortável diante do riso descontrolado do príncipe, mas havia inocência em Lucien. Trinitam, com todas as suas tradições, parecia pequeno diante da imensidão daquele mundo e sua fé inabalável.

— Pare de rir e me ajude aqui. Precisamos separar estes enfeites e levar para a sala, eu e você montaremos a árvore de natal. — Lucien, mais uma vez, arqueou as sobrancelhas e estufou o peito.

— Por que todas as coisas terminam com a palavra natal? — contestou.

— E lá vamos nós de novo — anunciou Lisa antes de pegar o último enfeite da caixa, uma estrela. Lucien suspirou e sorriu.

— Todos nós vemos estrelas — resmungou.

— Todos nós — repetiu Lisa com um brilho no olhar.

Lucien seguiu a princesa até a sala, um pouco maior do que aquele cubículo onde ele libertara os seus demônios e arregalou os olhos ao ver uma árvore, semelhante às de Trinitam, sobre o tapete.

— Um pinheiro. Vocês têm um pinheiro dentro do próprio castelo — anunciou com felicidade. — Princesa — chamou —, por que ele está tão miúdo e — puxou um galho — maleável? — Lisa colocou os enfeites sob um banco estofado e aproximou-se de Lucien.

— Não é um pinheiro de verdade, Lucien, isso é plástico — disparou, puxando o mesmo galho que ele. — Não há a menor possibilidade de cultivarmos um pinheiro aqui.

— Por que não? — questionou. Lisa parecia irritada com suas perguntas. — Bem, um pinheiro precisa de terra, espaço e água. O segundo é o que menos temos aqui — respondeu, abrindo os braços em uma tentativa falha de mostrar o tamanho do castelo. — Agora chega de perguntas. Pegue os enfeites para mim, precisamos arrumar a árvore antes que meu pai chegue — explicou. — Rápido! — exigiu.

Lucien pegou primeiro a estrela, depois o papai noel. Seguido de uma pequena bolinha verde, um animal semelhante a uma corça, porém com chifres maiores e, por fim, um pequeno castelo que lembrava o lado oeste do de Trinitam. Ele os entregou a Lisa e esperou pela nova ordem.

A princesa colocou a corça ao lado do pequeno castelo, depois a bolinha verde próxima ao papai noel e ignorou a estrela. Lucien sussurrou.

— Esnobe.

— O que você disse? — questionou girando o corpo rapidamente.

— Nada, princesa. Continue — pediu.

— Mais enfeites por favor — exigiu. — Dessa vez encha as mãos, senão vamos passar o resto da vida aqui. — Lucien concordou e pegou o restante. Lisa bufou quando ele jogou em seus pés os mais de vinte enfeites que ainda faltavam.

Alguns minutos depois e o pinheiro estava completamente enfeitado, mas a estrela que Lisa ignorara antes ainda permanecia ao seu lado. Lucien sentiu-se incomodado, logo ela que tanto falava sobre estrelas havia deixado o mais bonito dos enfeites longe da árvore. Irritado, ele pegou a estrela e a segurou com firmeza.

— Por que ela não está na árvore? — perguntou.

— Quero que você a coloque, Lucien — respondeu. O príncipe sentiu as bochechas corarem. — É importante para mim ter essa lembrança, de ver que de alguma forma você fez parte da minha vida. Coloque... — pediu ela, distanciando-se da árvore e dando espaço para Lucien. — Aqui! — Apontou para o topo da árvore onde havia um pequeno buraco.

Lucien apertou a estrela com força e fechou os olhos.

— O que você está fazendo? — falou Lisa sem demora.

— Deixando uma parte de mim com você — respondeu ainda de olhos fechados.

— Lucien, essa estrela é... — interrompeu, aproximando-se da árvore e colocando a estrela no lugar indicado por Lisa. — Ficou linda! — disse ela com orgulho.

— Muito — sussurrou.

Lisa olhou mais uma vez para a árvore e seguiu para a cozinha, Lucien estava em seu encalço. Depois de passar o dia ao lado dela ajudando-a a separar os enfeites e montar a árvore, a sua barriga estava finalmente dando sinal de vida.

— Estou com fome — disse. Lisa assentiu entrando na cozinha. Quando Lucien se deu por conta de como a mesa estava recheada de comida, arregalou os olhos.

— Um banquete — anunciou.

— Ainda não, mas será. Precisamos separar os alimentos, cortar algumas batatas e preparar o peru. A Tatiana vai voltar logo e vai brigar se

não tivermos adiantado alguma coisa — contou.

Lucien correu para a janela e fitou o céu.

— O que você está olhando? — questionou Lisa.

— Pássaros.

— Para quê? — rebateu, confusa.

— Para o banquete Lisa, caçarei alguns para ajudar Tatiana. — A princesa de Santana começou a rir sem parar, Lucien revirou os olhos. Imitando-a.

— Aqui não é Trinitam, Lucien. Você não precisa fazer nada disso. Apenas pegue a faca e descasque estas batatas — ordenou.

O príncipe de Trinitam pegou a faca da mão de Lisa e começou a descascar as batatas enquanto ela mexia em algumas folhas de alface e enchia uma bacia com água. Depois desta noite Lucien sabia que precisaria tomar uma decisão com relação ao amuleto, estava na hora de escondê-lo e voltar para Trinitam. Ele não fazia ideia de quantos dias havia passado no reino de Lisa, mas de uma coisa ele tinha certeza: estava se sentindo em casa.

Capítulo 11

Eu nem conseguia me lembrar da última vez que me divertira tanto preparando a casa para a ceia de Natal. Definitivamente, não tinha sido nos anos desde que meu pai e Tatiana estavam casados. Talvez bem no fim da infância, quando acreditar em Papai Noel ainda era uma coisa fácil, boa. E mesmo assim, não era tão bom quanto isso.

Lucien acabara se provando uma excelente companhia. Quando você superava o seu jeito esquisito de falar e sua completa falta de experiência com o mundo moderno, descobria que ele era a melhor pessoa para se ter por perto. Sabia quando falar e quando ficar em silêncio, não se importava de me ajudar em qualquer uma das atividades chatas que eu era obrigada a fazer, e ainda era ótimo em manejar facas e cortar coisas. Adiantar a ceia foi muito mais fácil com ele do lado.

Quando Tatiana e meu pai chegaram do mercado, Lucien foi prontamente ajudá-los com as compras. Era tanta coisa que nem parecia que só minha tia e minha avó estavam vindo. Esperei a costumeira onda de aborrecimento me atingir ao pensar na socialização de mais tarde, mas ela não veio. Em vez disso, senti um calor gostoso no peito, do tipo que a gente só sente quando está entre amigos.

Tatiana me expulsou da cozinha assim que percebeu que Lucien era muito mais útil por ali do que eu. Saí de bom grado, e encontrei meu pai na sala, sentado no sofá, com a TV desligada e encarando a árvore pronta. Sentei-me ao lado dele.

— O que você tá olhando? — perguntei, franzindo o cenho. Ele sorriu para mim.

— A estrela. Quanto tempo a gente não colocava ela aí? — disse ele, e o calorzinho do meu coração se misturou a um nó momentâneo, que tratei de ignorar.

Quando eu era criança, colocar a estrela no topo da árvore era o ponto alto da arrumação da casa. Minha mãe me pegava no colo e fazia de conta

que eu estava voando até o topo do pinheiro, onde encaixava o enfeite. Meu pai repetiu a fantasia algumas vezes depois da morte dela, mas, conforme fui crescendo, se tornou uma lembrança dolorosa. A estrela nunca mais saiu da caixa.

Até hoje. Até Lucien. Não tinha tido coragem de dizer a verdade a ele. Então, tentei criar outra lembrança. Não melhor, mas tão boa quanto. Agora, aquela estrela me lembraria da minha mãe e do meu melhor amigo. Eu sabia que, muito em breve, eu o perderia também, mas sempre teria isso. Sempre teríamos as estrelas.

— Esse garoto, Lucien... — papai disse o nome dele com um jeito afetado, como dizia o nome de estrelas hollywoodianas que ele não conseguia pronunciar. — Devo ficar preocupado?

— Caramba, de onde você e a Tatiana tiraram isso? — Eu ri, e então, sem sequer pensar, soltei: — Eu nem gosto de garotos.

Trocamos um olhar, e esperei que ele dissesse alguma coisa, tivesse alguma reação. Nos livros, sempre era uma revelação. Mas tudo que papai fez foi me dar um beijo na testa e sorrir.

— Bom, meninas ou meninos, eu espero que você não apareça com ninguém por mais alguns anos. Sou muito novo pra enfartar.

Nós dois rimos, e papai se levantou. Eu o observei ir, sentindo-me leve como há muito tempo não me sentia.



Já estava escurecendo quando fui tomar banho e me arrumar. Resolvi usar uma das roupas coloridas que Tatiana tinha me dado para variar, um vestido vermelho de corte reto, mais aberto na saia. Não tinha nada a ver comigo, mas me senti bonita nele. Para não perder a tradição, calcei um All Star preto nos pés.

Estava quase saindo quando olhei para o Caderno de Desejos, exatamente onde eu o havia deixado, em cima do criado-mudo. Era estranho que um presente que tinha me causado tanta decepção também tivesse me trazido tanta alegria. Peguei-o nas mãos e o abri, tentando encontrar a página

onde havia escrito meu desejo. Em vez disso, na primeira página, dei de cara com um recado de Heloísa.

A letra dela era redonda e floreada. O recado havia sido escrito naquelas canetas em gel cheias de glitter e cheiro, e um aroma bem suave de morango emanava das páginas. Não sabia como tinha deixado aquilo passar, mas ali estava. Então li:

“Querida Lisa,

Sei que não é um presente muito criativo. Queria te dar um livro, mas você lê tantos que já deve ter a livraria inteira. Eu vi que você gosta de escrever, então resolvi te dar um caderno. Dizem que esse aqui realiza desejos; quem sabe suas histórias não ganhem vida e você se torne escritora? Talento eu tenho certeza de que você tem de sobra!

Beijinhos,

Helô”

— Lisa? — Ouvi Lucien chamar. Estava tão distraída que nem tinha visto ele abrir a porta do quarto.

— Ah. Oi — respondi, mas Lucien já estava do meu lado, lendo o recado por cima do meu ombro. Então me lançou um olhar de compreensão.

— Foi ela quem partiu seu coração? — perguntou, para minha surpresa.

— Como você sabe?

— Posso ver em seus olhos. Somente quem já perdeu um amor sabe reconhecer tal sofrimento. — Ele tocou levemente meu ombro, me lançando um daqueles seus olhares profundos, capaz de perfurar a alma. — Não há vergonha em amar quem quer que seja, Lisa. Tampouco há vergonha em sofrer por amor. Aqueles que não sofrem, não sentem, e isso é pior do que qualquer coração partido.

Pensei em Heloísa, nas palavras horríveis que ela disse sobre mim no

dia do amigo secreto e, agora, naquele bilhete que parecia tão sincero. Pensar nela ainda doía, mas agora, menos do que antes. E, no final, decidi que não queria pensar mais nela. Queria viver minha noite de Natal, ao lado de quem realmente importava.

— Muito bem, senhor profundo. Deixa isso pra lá. — Fechei o caderno e o joguei sobre a cama. — Vamos comer?

— Não precisa me convidar duas vezes!



Minha vó e tia Miranda chegaram pouco depois das oito. As duas eram cópias fiéis do meu pai, e não era para menos; tia Miranda e meu pai eram gêmeos, e os dois tinham puxado o lado da mãe. Tinham os mesmos cabelos finos e escuros, os olhos verdes que eu invejava, e as maçãs do rosto arredondadas que eu tinha herdado. E eram todos, sem exceção, muito fanáticos pelo Corinthians.

Mas a conversa desse ano não tinha nada a ver com futebol, nem com as fofocas costumeiras da família. Vovó nem mesmo teve tempo de implicar com Tatiana por ela ser magra demais. A atração principal do dia era Lucien e suas histórias mirabolantes.

— Há três invernos, eu e Málai ficamos encarregados de controlar a entrada de cervos em uma das florestas próximas ao castelo. Porém, havia tanta neve que não percebemos quando um deles nos encurralou próximo a uma grande árvore. Nossas opções eram: enfrentar o animal ou fugir. Mas o cervo era duas vezes maior do que eu ou Málai, então optamos por escalar o tronco da árvore e esperar até que o animal deixasse o local. No fim ficamos mais de quatro horas congelando no frio por medo. O cervo, que parecia enorme diante da neblina, na verdade era um filhote — narrou ele, com a mesma animação de um trovador empolgado.

Não tive coragem de interrompê-lo. Ninguém parecia se importar que 90% das coisas que ele contava eram completamente absurdas. Todos o ouviam com atenção.

— Meu deus, de onde esse menino tira essas histórias? — comentou vovó, rindo após um trecho particularmente engraçado. — Seu amigo é escritor, Elisabeth?

— Não, mas deveria. Daria um ótimo livro. — Ri da minha própria piada.

— Falando nisso... — Vovó se adiantou e pegou a bolsa, pendurada na cadeira. Dela, tirou um embrulho dourado e me entregou. — Isso é seu.

Meu coração acelerou de animação. Ignorei o fato de que ainda faltava muito tempo até a meia-noite, e rasguei o embrulho, já sabendo o que me esperava. E, tão certo quanto o peru queimado da ceia, lá estava ele: meu exemplar de *Rei da Fúria*, novinho em folha!

— Ah, muito obrigada! — falei, e deixei o livro em cima da mesa para me levantar e abraçar minha avó.

No tempo que levei para lhe agradecer e enchê-la de beijos pelo presente, Lucien havia pegado o livro. Demorei um instante para entender por que isso era ruim, por que ele não deveria segurá-lo, e quando me lembrei, já era tarde demais. Lucien já havia virado o livro e estava lendo a sinopse.

Foi como se o mundo passasse a girar em câmera lenta. Acompanhei com horror enquanto o rosto dele ia do confuso à incredulidade, e então a uma inexpressividade atípica dele que cheirava a más notícias. Foi só quando ele terminou de ler e seu olhar recaiu sobre o meu que consegui reagir.

— Venha! — falei, puxando-o até meu quarto. Lucien se deixou levar, ainda carregando o livro, e não disse nada enquanto eu o colocava para dentro e fechava a porta atrás de nós. — Lucien...

— Este livro... sou eu na capa — ele disse, apontando para a ilustração de um rapaz inegavelmente parecido com ele. — E aqui atrás, há palavras a meu respeito. *No último volume da série A Glória do Traidor, Lucien precisa enfrentar o pior de seus inimigos para evitar que Trinitam seja destruída para sempre* — ele leu, me deixando com um nó na garganta. — O que está acontecendo, Lisa?

Crispei os lábios e baixei os olhos, sabendo que não poderia mentir para ele. Os últimos dias haviam sido baseados em mentiras — sobre mim,

sobre o que eu sabia, sobre como ele havia vindo parar aqui. Por fim, suspirei e me virei para a estante atrás de mim. Peguei os exemplares anteriores da série e os estendi para ele.

— Você é um personagem de uma série de livros — falei, minha voz tão calma que era quase irreconhecível. — É por isso que sei tanto sobre você. São meus livros preferidos. Eu te conheço desde os treze anos de idade porque li sobre você.

Lucien pegou os livros com cuidado. Olhou deles para mim e balançou a cabeça.

— Não é possível. Eu sou real. Estamos aqui, conversando! — disse, incrédulo. — Deve haver algum tipo de magia oculta. Talvez o autor destes livros seja um Démore, contando uma história que não lhe pertence.

— Eu... não sei. — Não tive coragem de contradizê-lo. A essa altura, depois de tudo que havia acontecido nos últimos dias, quem era eu para duvidar de alguma coisa? Se ele estava ali, em carne e osso, então tudo era possível.

— E você *leu* histórias sobre mim? Divertiu-se com o meu sofrimento? — Lucien prosseguiu, como se eu não tivesse falado. — Faz alguma ideia do quão difícil minha vida tem sido? Eu não existo para o seu divertimento, Lisa!

Cobri a boca com as mãos, as lágrimas saindo. Não era nada daquilo. Eu só queria escapar da realidade, viajar para outros mundos. No meu mundo, livros *não eram reais*. Quis gritar isso para Lucien, mas minha voz havia desaparecido. Tudo que conseguia fazer era chorar.

— Acho que preciso ficar sozinho — ele disse por fim, a frase mais clichê de todos os livros finalmente sendo jogada na minha cara.

E então, sem saber o que mais fazer, eu saí.

Capítulo 12

O coração de Lucien Kaleus disparou ao ouvir o que Lisa sabia sobre a sua história, sobre as coisas que ele vivera. Não bastasse a confusão causada pelo amuleto e a guerra em Trinitam, ainda haviam as palavras da garota de cabelos castanhos e língua afiada ecoando por sua mente: *Eu te conheço desde os treze anos de idade porque li sobre você.* Ele não era um personagem, o reino era real. Seus amigos, sua família. A magia que reverberava por Santana deveria estar confundindo a mente da princesa. Ela mentira para ele, desde que pisara pela primeira vez no quarto dela no meio da noite. Se a verdade já o machucava, a mentira o destruía. Lucien começou a folhear os livros que Lisa lhe entregara e com surpresa encarou o seu nascimento, a partida de Alarea, a perseguição na floresta...

Mas ao puxar o livro que a garota ganhara naquela noite e ler a última página, seu estômago embrulhou.

E em meio a dor e a escuridão Tahreos chorava. Sobre os seus braços o corpo de seu herdeiro permanecia imóvel, Kala se aproximou e beijou a testa do filho. Lucien estava morto e Lorde Areon sorria ao ver o castelo do antigo rei queimar.

Nem mesmo com toda a pureza que Lisa carregava em seu peito ele seria capaz de perdoá-la, ao menos não nos próximos minutos. Lucien pegou a espada escondida debaixo da cama e colocou na cintura, retirou a roupa macia e fina que a garota lhe entregara, vestiu o traje antigo e robusto de Trinitam e saiu do quarto. Ele ajustou os ombros, engoliu em seco e seguiu para fora do castelo. Os familiares de Lisa o fitaram com curiosidade quando ele passou pela cozinha sem cumprimentá-los. Isso seria desrespeitoso em Trinitam, mas assim como a princesa mentira para ele e desrespeitara as suas escolhas, ele fez o mesmo.

Lucien girou a maçaneta da porta, pisou no tapete colorido de boas-vindas de Tatiana e seguiu pelo corredor intensamente iluminado. Vozes felizes e animadas atingiram em cheio os seus ouvidos conforme ele se dirigia até a grande caixa misteriosa, que Lisa chamava de elevador. Ao

entrar, um arrepio lhe percorreu a espinha, ele se sentia vulnerável diante daquela situação. Sem a princesa ele não sabia para onde ir, exceto subir até o terraço e admirar as estrelas.

Ele se sentia mais próximo delas agora. Assim que pisou no último degrau da escada e atravessou a porta que levava até o terraço, uma brisa gélida e acolhedora o abraçou. Desde que chegara a Santana o calor o sufocava, mas naquela noite — por mais estranho que parecesse — o vento o ouvia e Lucien se sentiu mais uma vez, em casa. Ele encostou a porta e seguiu para a mureta. Ao olhar para baixo ele percebeu como as pessoas se movimentavam com velocidade, como se estivessem correndo perigo. Quando levantou a cabeça e fechou os olhos, tudo a sua volta adquiriu um pouco mais de intensidade. Os motores dos carros, os risos dos demais moradores, a respiração ofegante de algum animal preso às árvores, o assovio do vento... Lucien podia ouvir todos eles. De fato, sua audição era um pouco mais apurada do que aqueles que viviam em Santana. Mas não deveria ser assim. Não quando ele havia abandonado o seu reino sem defendê-lo.

E isso o fez se lembrar da confiança dos pais, da ameaça de Areon sobre Trinitam e o quão complexa era a natureza do amuleto de Denbora. Mas nada disso fazia sentido se o que o esperava estava mais ligado à morte do que à vitória. Lucien não compreendia se as coisas haviam tomado esse rumo por ele simplesmente ter desejado que elas fossem dessa forma, que ele é quem deveria salvar o reino e proteger o amuleto. Seu avô morrera lutando durante a guerra. E pelo que ele imaginava o seu fim seria muito mais vergonhoso.

Lucien tentou se livrar dos pensamentos e dos ruídos abrindo os olhos e encarando as estrelas acima da sua cabeça. Elas estavam diferentes hoje, pareciam brilhar ainda mais do que aquelas que ele vira da última vez. O príncipe não sabia se isso possuía alguma relação com o natal ou se ele simplesmente não as apreciara da maneira correta antes. Conforme ele as encarava e desejava estar mais próximo a elas, lágrimas caíam de seus olhos. E isso o irritava.

O príncipe de Trinitam odiava chorar, não porque isso mostrava todas as suas fraquezas, mas porque trazia lembranças. Memórias de todas as vezes em que ele derramara algumas lágrimas. Na morte do avô, no dia em que se

despedira de Alarea, na noite em que entoara a música favorita de sua avó. E também no momento em que descobrira que Lisa mentira para ele.

E como se pudessem ouvi-lo, elas brilharam ainda mais, Lucien abriu um sorriso no rosto e em pensamento as agradeceu. Ele suspirou e deixou que os ombros caíssem levemente, ele não precisava ajustar a postura diante delas. As estrelas, ao que parecia, eram maiores do que ele. Maiores do que qualquer coisa que o príncipe já vira na sua vida. E por mais difícil e triste que parecesse, ele sabia exatamente o que fazer.

Precisava se despedir de Lisa, pegar o amuleto de Denbora e voltar para casa. Lucien não sabia ainda como faria isso, como ele chegara até Santana ainda era um enigma para ele, mas quando várias estrelas se moveram no céu formando uma estrada pontilhada em meio a imensidão ele conseguiu compreender. As estrelas o guiariam até Trinitam, pois elas eram o fio condutor entre o seu reino e o de Lisa. E por mais que ele odiasse a ideia de pedir desculpas a ela pela forma como agiu anteriormente, era o que deveria ser feito.

Lucien voltaria para Trinitam com o coração partido mais uma vez, porém pela pessoa que mais amara nos últimos dias. O fato não estava em ele morrer tentando salvar o seu reino, mas na saudade que sentiria daquela garota que gritara com toda a força quando ele levantou a espada e apontou para o seu rosto.

Algumas perdas eram mais difíceis do que as outras e quando o príncipe secou a última lágrima que caía de seus olhos e seguiu para a saída do terraço, ele se deu por conta de que não estava sozinho.

Parada em frente a porta estava Lisa. Com os olhos inchados de chorar e um olhar triste e magoado. Acima deles estavam as estrelas desejando que tudo aquilo se resolvesse da melhor forma possível.

Capítulo 13

Ver Lucien saindo pela porta de casa, vestido em seus trajes completos e carregando sua espada, no meio da ceia de Natal, foi ao mesmo tempo a cena mais estranha e mais triste que já presenciei. Ele passou por nós como um fantasma, tão rápido que mal registramos sua presença antes que a porta estivesse fechada.

— Com licença — murmurei, me levantando da mesa e indo até o meu quarto. Precisava pensar. Precisava chorar.

Os livros estavam sobre a minha cama, o último aberto, com a capa virada para cima. O pouco caso com um livro recém-adquirido normalmente me faria surtar, mas tudo que consegui fazer foi pegar o livro na mão e encarar a página aberta. Era quase no final, poucas páginas antes de acabar. Não resisti e li.

Precisei me sentar antes que o choque me derrubasse.

Lucien ia *morrer*. Era esse o maldito final do livro pelo qual eu esperava há anos. Lucien ia morrer!

Senti as lágrimas brotando de novo e praticamente atirei o livro para longe, bem na hora em que a porta se abriu e Tatiana entrou.

— Lisa, você... — Sua voz morreu quando me viu. Então fechou a porta, sentou-se ao meu lado e pôs os braços em volta de mim. — Ah, Lisa...

Foi como se o abraço dela me partisse em dois. Sem conseguir me segurar um segundo mais, chorei. Ela continuou me abraçando silenciosamente, me ninando enquanto eu soluçava.

Morto! Ele não podia morrer! Era o final mais absurdo, mais injusto! Lucien havia lutado bravamente por Trinitam por toda a sua vida! Ele era bom, e gentil, e leal. Ele era *meu amigo*. Ele simplesmente não podia morrer!

Chorei pelo que me pareceu uma vida toda, e, quando finalmente me acalmei, já havia me deitado no colo de Tatiana. Ela esperou pacientemente que eu terminasse, alisando meus cabelos e murmurando palavras de

conforto. Quando me sentei de novo, estava envergonhada, mas ao mesmo tempo feliz de não estar sofrendo sozinha. Era quase, percebi, como ter minha mãe comigo de novo.

— Quer me contar o que aconteceu? — ela perguntou, baixinho, limpando as lágrimas do meu rosto. — Primeiro Lucien sai daqui todo esquisito, e então você está atirando livros pelo quarto e chorando pelos cantos. O que houve, Lisa?

— Eu... — Baixei os olhos, sem saber como continuar. Não podia contar tudo a ela. Tatiana jamais acreditaria, e com razão. Respirei fundo, e optei pela meia verdade. — Eu menti pra ele. E ele descobriu.

— Uma mentirinha ou um mentirão? — indagou, com o mesmo tom que eu já a vira usando com pacientes mais novos. Pela primeira vez, sua condescendência não me irritou, contudo. Eu sorri.

— Um mentirão — respondi, fungando. — E acho que ele nunca mais vai me perdoar.

— Nunca mais é muito tempo, Lisa. Vocês estão de cabeça quente. Dê tempo a ele.

— Não temos tempo — falei, num tom quase histérico, surpreendendo Tatiana. — Ele... ele tem que ir embora, e eu acho que, se ele for, algo muito ruim vai acontecer.

Ela franziu a testa, confusa. Eu não estava fazendo o menor sentido, e sabia disso. Mas se eu dissesse a Tatiana que Lucien tinha que voltar para dentro do livro para morrer, ela me internaria no primeiro hospício disponível. E talvez, refleti, eu merecesse. Talvez estivesse mesmo ficando maluca.

— Sabe, Lisa, a gente não pode proteger as pessoas que amamos de tudo — Tatiana disse, por fim, segurando firme minhas mãos. — Acha que não tenho medo quando você sai sozinha, ou quando seu pai está voltando para casa tarde e de ônibus? É claro que tenho. Queria poder colocar vocês dois em uma redoma, impedir que vocês se machuquem. Mas sabe de uma coisa?

Eu a olhei em expectativa, sem piscar nem responder.

— Coisas ruins podem acontecer em qualquer lugar. Faz parte da vida — ela concluiu, afagando meus cabelos. — E não podemos nem devemos privar ninguém das próprias escolhas por medo do que possa acontecer a elas. Não sei que mentira você contou a ele, mas, se te conheço bem, foi na melhor das intenções. Então vá até ele e peça desculpas. Admita seu erro. Se ele for digno da sua amizade, vai entender.

Assenti, um calorzinho novo de esperança nascendo em mim. Então abracei Tatiana, peguei o Caderno de Desejos e uma caneta de cima do criado-mudo e corri porta afora.



Ele estava no terraço, exatamente onde imaginei que estaria. Nos encontramos no momento exato em que abri a porta, como se ele tivesse pressentido a minha chegada e estivesse vindo abrir a porta para me receber.

— Olá — ele disse, num murmúrio.

— Oi — murmurei de volta.

Lucien não conseguiu sustentar meu olhar por nem um minuto antes de baixar a cabeça e me dar as costas. Respirei fundo e fechei a porta, indo atrás dele.

— Lucien, eu sinto muito — falei, com a voz embargada, antes que as lágrimas voltassem. — Eu não tinha o menor direito de esconder a verdade de você. Mas quando você apareceu, eu fiquei tão surpresa que não soube o que fazer. Fiquei com medo que você não acreditasse em mim, ou ficasse desesperado quando soubesse.

Lucien não se virou, mas eu sabia que ele estava escutando pela forma como mexia a cabeça. Me aproximei uns passos e continuei.

— Mas, acima de tudo, fiquei com medo que você quisesse voltar para lá, para o livro — disse, e isso sim o fez virar, surpreso, com os braços cruzados. — Fiquei com medo de te perder pra sempre. Você... você é meu melhor amigo. Tem sido meu melhor amigo há anos, ainda que a gente não se conhecesse pessoalmente. E agora que eu sei o que acontece no final...

Solucei, sem conseguir terminar. Lucien pareceu me entender perfeitamente. Sua expressão se suavizou, e os braços se soltaram.

— Se você sabe o que acontece, então sabe que eu preciso voltar, Lisa — disse, a voz baixa, mas firme. — Coisas horríveis acontecerão ao meu mundo se eu ficar. Trinitam precisa de mim.

— Mas você vai *morrer* — gritei, a voz quase sumindo na última palavra. — E eu não posso perder mais ninguém, Lucien, eu não posso!

As lágrimas voltaram com força total, mas agora, Lucien estava ali para ampará-la. Ele pôs os braços em torno de mim, trazendo-me delicadamente contra seu peito. Em toda a série *A Glória do Traidor*, não me lembrava de Lucien jamais ter abraçado alguém. E isso me fez chorar ainda mais.

— Existem coisas piores do que a morte, Lisa — ele disse, suavemente. — Nunca ter lutado. Nunca ter visto além dos limites de seu próprio reino. Nunca ter feito amigos. E agora, graças a você, fiz tudo isso. Você me deu um presente, Lisa. Você me deu vida.

Ele me soltou, colocando uma mão no bolso do casaco e retirando o amuleto de Denbora. Ele o girou entre os dedos, com uma expressão pensativa.

— Todas as histórias precisam terminar. Chegou a hora de pôr um fim à minha. — Ele baixou a mão e sorriu para mim. — Me mandará de volta, Lisa? Permitirá que eu termine o que comecei, seja ao custo que for?

Assenti, uma mão cobrindo a boca para me impedir de soluçar. Tentei lembrar do conselho de Tatiana. Eu não podia guardá-lo em uma redoma. Lucien não era meu para manter preso, acorrentado ao meu mundo. Ele precisava ir, e seguir com a própria história. E eu, com a minha.

Abri o Caderno de Desejos, apoiando-o desajeitadamente contra o peito com a mão esquerda, enquanto a direita empunhava a caneta, tremendo sobre a página.

Eu desejo...

— Não fique triste, princesa — Lucien disse, olhando para cima. —

Procure-me no céu, quando eu partir. Estarei ao lado de sua mãe, olhando por você, sempre que olhar as estrelas.

Então, Lucien fechou os olhos e começou a cantar. Eu reconhecia a canção — havia lido sobre ela, é claro, mas jamais a tinha escutado. A melodia era muito diferente do que eu tinha imaginado, mais bonita, correta. Encheu-me de esperança.

Firmei os dedos ao redor da caneta. Mesmo sem coragem, escrevi.

Eu desejo que Lucien volte para o seu mundo.

Fechei os olhos por um instante.

Quando os reabri, estava sozinha.



Ainda estava no terraço, observando as estrelas, quando uma ideia louca me ocorreu. Tão louca que parecia absolutamente perfeita, dadas todas as insanidades que haviam acontecido na minha vida nos últimos dias.

Encarei o caderno nas minhas mãos, pensando.

E se?

Senti meu pulso acelerar em expectativa. Eu não fazia a mínima ideia se funcionaria ou não, mas valia a tentativa. Eu jamais me perdoaria se não tentasse.

Empunhei a caneta, abri em uma página ao acaso e comecei a escrever.

Epílogo

Escondido atrás de uma árvore espinhosa coberta por uma leve camada de neve, Lucien observava os Marleadores caminharem pela floresta de coníferas com passos lentos e firmes a sua procura. Ele esperou até que os súditos do Lorde Areon se cansassem. No bolso direito da calça mal lavada e porcamente costurada, estava o objeto metálico e circular que o levava até aquela armadilha. Ele prendeu a respiração, puxou as mangas da blusa mesmo com o frio e removeu as luvas para secar o suor que escorria pela testa.

Como se não bastasse o pouco tempo que tinha antes dos grandes cães de caça o encontrarem, os joelhos começaram a tremer sobre a camada grossa de gelo que cobria o chão. Ele os tocou e bateu três vezes sobre cada um numa tentativa falha de acalmar a tremedeira. Málai sempre dizia que aquela era uma boa forma de evitar que a circulação do sangue fosse interrompida e as pernas travassem, o que o deixaria imóvel por alguns minutos.

Lucien se empertigou e abafou a respiração ao perceber que as criaturas se aproximavam. Eles carregavam uma espada nas costas e um boldrié cheio de facas na cintura. Seus mantos de cor escura com bordados em vermelho e prateado, ondulavam com a força do vento que reverberava pela floresta. Do queixo pendiam pelos arroxeados que formavam uma barba grossa e ondulada, nas bochechas duas marcas brancas e finas; os olhos esbranquiçados e o nariz pontudo tornavam os Marleadores seres assustadores.

O inverno havia chegado aos seus dias mais rigorosos e todos os habitantes de Trinitam estavam expressamente proibidos de frequentar os lugares públicos e até mesmo se aproximarem dos bosques, onde haviam lobos e outros animais à espreita. Além do bando de Areon que, naquele momento, caçava Lucien.

Antes que eles o encontrassem o príncipe correu em direção ao fim da floresta. Havia força em suas pernas, a qual ele jamais imaginara ter. Lucien ultrapassou uma, duas, três árvores sem sequer olhar para trás. Ao longe ele

podia ouvir os gritos abafados dos Marleadores, ele sabia o que eles queriam e o que amuleto de Denbora poderia fazer. Sem pensar muito ele parou diante de um penhasco e saltou.

Quando ele atingiu o chão o amuleto pulou de seu bolso. Lucien removeu a neve do rosto, respirou fundo e se levantou. À sua frente havia um barco e a poucos metros o rio que levava até Trinitam. O príncipe pegou o amuleto, o prendeu no pescoço e subiu no barco. A água estava agitada e o vento a seu favor. Ele pegou o remo e deixou que a correnteza o levasse até o reino, onde o pai o esperava sentado em seu trono. O amuleto de Denbora traria para Trinitam a paz que tanto esperavam, não haveria mais guerra e nem mesmo Areon seria capaz de iniciar uma. Pela primeira vez, em muitos anos, Lucien se sentiu completo. Feliz. Ele havia passado por inúmeras provas nos últimos anos, mas jamais pensara em desistir. Guerreiros lutavam até o fim.

Lucien respirou fundo e deitou em um pequeno espaço no barco ignorando o remo e deixando que a correnteza o guiasse. Ele pressionou o amuleto com força mais uma vez para se lembrar de que ainda estava ali, de que ele havia mesmo conseguido. O príncipe encarou o céu acima de sua cabeça e sentiu o vento frio ricochetear contra o seu rosto. A lua parecia o estar protegendo e próximo a ela havia um pequeno ponto luminoso que piscava sem parar. Aquele tipo de luz era incomum em Trinitam, não existiam outros astros exceto o sol e a lua. Mas assim como ele tivera sorte ao conseguir o amuleto, talvez aquela luz também significasse um bom presságio.

— Você precisa de um nome — disse em voz alta. — Há uma luz especial em você e esse tipo de coisa é rara em meu reino — refletiu. — Vou te chamar de... Estrela — continuou — porque independente do que você realmente seja, existe esperança em seu brilho. Uma energia que significa muito mais do que apenas um ponto luminoso se destacando na escuridão. Acredito que todos nós possuímos uma luz parecida com a sua dentro de nossos corações, algumas pessoas a ignoram outros a deixam brilhar — falou com alegria. — Mas no final todos nós vemos estrelas. E você é a minha.

Agradecimentos

Muitas pessoas fizeram parte desse trabalho, e acho impossível agradecer todo mundo, então fico aqui com as mais importantes:

Ao Leonardo, eu não devia nem agradecer porque você não fez mais que a sua obrigação (brincadeira). Obrigada por ter topado essa loucura comigo e ter levado até o fim, mesmo que secretamente eu e você estivéssemos pensando que não ia dar certo. Obrigada por ouvir meus áudios de 6 minutos e por aceitar as minhas ideias e não reclamar quando eu entrava no modo tirano-maluco-você-vai-fazer-desse-jeito-porque-eu-falei. Não mereço você, mas graças a Deus eu te tenho na minha vida. Te amo.

Alba, Livia, Grazi, Guta e Mari, apenas muito obrigada por serem minha família literária há quase quatro anos (nem parece né?). Vocês me apoiam, me incentivam, me acompanham e me tornam uma escritora melhor. Um agradecimento especial para Alba e Livia que embarcaram de cabeça nesse projeto com a gente e prestaram atenção em cada detalhe para se certificar de que teríamos a melhor história possível para entregar. Amo vocês.

A todos os meus leitores: vocês são minhas estrelas. Meu céu brilha mais por causa de vocês.

Larissa Siriani

Escrever os agradecimentos é uma tarefa mais difícil do que eu imaginava, esse é o meu primeiro projeto a ser publicado e tenho certeza de que ele marcará a minha vida para sempre. Obrigado a Lari por confiar em mim e apostar nessa história, por ter me dado a missão de escrever com o meu coração. Esse conto foi um desafio – e um dos grandes, mas ele jamais seria possível sem o apoio das minhas agentes, principalmente Livia, Alba e Grazi que trabalharam diretamente com Lucien e Lisa. Obrigado também Mari e Guta por me mostrarem sempre o melhor caminho.

Aos meus pais e irmã agradeço pela força e carinho, vocês são tudo para mim e jamais conseguirei demonstrar isso a altura. Mas espero que de uma forma ou outra, vocês apenas “saibam”. Marcos, Vanessa, Álisson e Fogs: obrigado por me ouvirem falar tanto sobre esse universo sem nem ao menos reclamar, por me darem o suporte que eu tanto precisava. Vocês são os melhores amigos que eu poderia ter.

Lucien, obrigado por ocupar a minha mente e me deixar escrever a sua história.

Um obrigado especial também aos meus inscritos por acreditarem nos meus sonhos e embarcarem nessa aventura. Essa história é um presente para vocês e eu não poderia estar mais feliz.

E, por fim, obrigado a você que de uma forma ou outra chegou até aqui. Continue sorrindo e correndo atrás dos seus sonhos. Você é especial, do seu jeito. Você é importante e não há nada de errado em ser quem você é.

Deixe a sua estrela brilhar e iluminar a imensidão.

Leo Oliveira

Autores



Larissa Siriani

Nascida em 7 de Maio de 1992, Larissa Siriani nunca soube muito bem o que queria fazer da vida — até começar a escrever. É formada em Cinema, dá aulas de inglês e comanda um vlog literário que leva seu nome. É autora dos livros *Amor Plus Size*, *Princesas GPower*, *As Bruxas de Oxford* e muitos outros.

[Amor Plus Size](#) | [Princesas GPower](#) | [As Bruxas de Oxford](#)

[Site](#) | [Youtube](#) | [Twitter](#)

Leo Oliveira

Leonardo na certidão de nascimento, mas Leo por opção. Viciado em

seriados, formado em Jornalismo, apaixonado por locução e fã de super-heróis. Tem mais sonhos do que consegue realizar e um desejo enorme de viajar pelo mundo.

[Youtube](#) | [Twitter](#)

Para saber mais sobre os projetos futuros, [assine a newsletter](#).

Table of Contents

[Dedicatória](#)

[Epígrafe](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre os autores](#)